

# 22

Página



NÚMERO 82  
MARÇO 2014



## Cenários

O que o mundo nos reserva no pós-2014



## Agenda Brasil

Muito mais que Copa e eleições

## Boi rastreado

Varejo falha na transparência

## Bem-estar

Pesquisa vai mapear satisfação no País

# RadAr

Para captar tendências, vale usar metodologias rigorosas e muita intuição

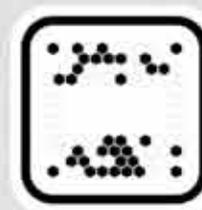
AS MUDANÇAS  
CLIMÁTICAS ESTÃO AÍ.  
JÁ PENSOU  
O QUE VOCÊ TEM  
A VER COM ISSO?

# CO<sub>2</sub>COMPENSO

SAC: 0800-762-7777 | Ouvidoria: 0800-726-0322

O Santander dá dicas e ajuda você a reduzir,  
calcular e compensar suas emissões de CO<sub>2</sub>.

Saiba mais em [www.santander.com.br/co2](http://www.santander.com.br/co2)



Saiba tudo sobre o  
Programa Reduza e Compense.  
Faça o download do leitor  
no [phdmobi.com](http://phdmobi.com) pelo celular,  
abra o aplicativo  
e fotografe este código.

 **Santander**  
um banco para suas ideias

[santander.com.br](http://santander.com.br)

## O melhor ou o pior século

Muitos leitores perguntam o significado de "PÁGINA22". Nesta edição, que especialmente se debruça sobre tendências e desvenda como mapeá-las, reafirmamos o compromisso da revista com o olhar de longo prazo, sem descuidar do presente. Ao contrário: Página, que se refere à imprensa, e 22, ao número do século que vem a seguir, discorrem sobre as ações que devem ser tomadas desde já, mas norteadas pelo futuro e pelas perguntas: aonde pretendemos chegar? Como queremos estar no futuro?

O relatório *Now for the Long Term* (ou *Agora para o Longo Prazo*), produzido por cérebros como Amartya Sen, Michelle Bachelet, Martin Rees, Arianna Huffington e Nicholas Stern (integrantes da Comissão Oxford Martin para Futuras Gerações) é um dos documentos importantes nesta discussão. O estudo envolveu um grupo de líderes empresariais que compartilham da preocupação sobre os desafios globais e a visão de curto prazo que ainda permeia muitos governos e corporações.

Segundo a comissão, este pode ser o melhor ou o pior século. O futuro está cheio de oportunidades, mas também é altamente incerto e caracterizado por crescentes riscos, como o provocado pela mudança climática. Além disso, o crescimento econômico beneficia muito poucos, e por isso está associado ao aumento da desigualdade e ao desemprego, ao mesmo tempo que o consumo *per capita* de alimentos, água, minerais e energia não se sustenta – sinaliza.

Por isso, o relatório da comissão identifica que as empresas precisam assumir maiores responsabilidades e ampliar o horizonte. Visão esta da qual PÁGINA22 compartilha e para a qual deseja contribuir – agora sob novo projeto gráfico assinado por Marco Cançado, da Vendo Editorial.

Boa leitura

### PÁGINA22

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS  
DE SÃO PAULO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
DIRETORA Maria Tereza Leme Fleury

FGV  
Góces  
Curso de Estudos em  
Sustentabilidade de SP

COORDENADOR Mario Monzoni  
VICE-COORDENADOR Paulo Durval Branco  
COORDENADOR ACADÊMICO Renato J. Orsato

JORNALISTAS FUNDADORAS Amália Safatle e Flavia Pardini  
EDITORA Amália Safatle  
REPÓRTER II Thais Herrero  
REPÓRTER I Carol Nunes  
EDIÇÃO DE ARTE Marcius Marques  
www.vendoeditorial.com.br  
ILUSTRAÇÕES Sírio Braz (seções)  
REVISOR José Genulino Moura Ribeiro  
COORDENADORA DE PRODUÇÃO Bel Brunharo  
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO  
Ana D'angelo, Eduardo Shor, Fabio F. Storino,  
Fernanda Macedo, Flavia Pardini, Ignacy Sachs, José Alberto  
Gonçalves Pereira (edição e textos), Hamilton Trajano,  
Karina Ninni, Kátia Shimabukuro, Lydia Minhoto Cintra,  
Magali Cabral, Pepe Guimarães  
ENSAIO FOTOGRÁFICO Rede Nami  
JORNALISTA RESPONSÁVEL  
Amália Safatle (MTb 22.790)

**ANUNCIE**  
COMERCIAL E PUBLICIDADE  
Nominal Representações e Publicidade  
Mauro Machado  
mauro@nominalrp.com.br  
(11) 3063.5677

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Itararé, 123 - CEP 01308-030 - São Paulo - SP  
(11) 3284-0754 / leitor@pagina22.com.br  
www.fgv.br/ces/pagina22

CONSELHO EDITORIAL  
Aerton Paiva, Alexandra Reschke, Ana Carla Fonseca Reis, Airon  
Belinky, Eduardo Rombauer, José Eli da Veiga, Mario Monzoni,  
Pedro Roberto Jacobi, Roberto S. Waack e Rodolfo Guttila

IMPRESSÃO HRosa Serviços Gráficos e Editora  
TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 5.800 exemplares

Os artigos e textos de caráter opinativo assinados por  
colaboradores expressam a visão de seus autores, não  
representando, necessariamente, o ponto de vista de  
PÁGINA22 e do GVces.

**APOIO**  
ID Instituto  
Democracia e  
Sustentabilidade

MISTO  
FSC  
Papel produzido a partir  
de fontes responsáveis  
FSC® C044006

A REVISTA PÁGINA22 FOI IMPRESSA EM PAPEL CERTIFICADO, PROVENIENTE DE  
REFLORESTAMENTOS CERTIFICADOS PELO FSC, DE ACORDO COM RIGOROSOS  
PADRÕES SOCIAIS, AMBIENTAIS, ECONÔMICOS, E DE OUTRAS FONTES CONTROLADAS.

creative commons  
PÁGINA22, NAS VERSÕES IMPRESSA E DIGITAL,  
ADERIU À LICENÇA CREATIVE COMMONS. ASSIM,  
É LIVRE A REPRODUÇÃO DO CONTEÚDO - EXCETO  
IMAGENS - DESDE QUE SEJAM CITADOS COMO FONTES À PUBLICAÇÃO E O AUTOR.



Para receber **Página22** gratuitamente,  
acesse [pagina22.com.br/novo\\_leitor](http://pagina22.com.br/novo_leitor)

## Caixa de entrada

COMENTÁRIOS DE LEITORES  
RECEBIDOS POR E-MAIL, REDES  
SOCIAIS E NO SITE DE PÁGINA22

### INBOX

**[PÁGINA22 é vencedora do Prêmio Abrelpe de Jornalismo – Blog da Redação]**

Parabéns! A edição *Lixo Zero* foi a melhor que já li! *Claudio Bicudo Mendonça*

**[Cide-Carbono começaria valendo R\$ 3 – ed 81]**

Já passou do momento de pararmos de subsidiar a indústria do petróleo. A ideia é ótima, será que algum candidato a presidente encampa? Acho que não, mas não custava enviar a sugestão a todos (com pedido de posicionamento) depois que as candidaturas forem oficializadas. *Ricardo Esparta*

**[Mercado viciado em junk food – ed. 81]**

Excelente entrevista. Realmente é difícil tomar decisões racionais, porque estamos o tempo todo cedendo aos hábitos, mesmo que estes nos façam mal, e isso não somente com a comida. Exemplo? Tantos ainda gastam água abundantemente, mesmo sabendo que se faz necessário economizar. *Dhyan Firdauz*

**[Comemos melhor ou pior? – ed. 81]**

Agradeço demais a toda a equipe da Revista PÁGINA22, por essa edição tão deliciosa! Consumindo mostramos ao mundo quem somos e o que queremos. Podemos fazer uma revolução e nossas trincheiras são as prateleiras da despensa e da geladeira! *Adolfo Borges*

Parabéns por colocar na pauta um tema tão relevante como a alimentação. Acho que faltou tratar de um aspecto fundamental, que liga diretamente alimentação com mudança climática: a indústria da proteína animal e o hábito de consumir carne e outros produtos. Espero que esse tema possa ter a atenção da PÁGINA 22 no futuro, assim como a questão do bem-estar animal, tratada de forma muito superficial. *Carlos Eduardo Lessa Brandão*

### OUTBOX

**Sim, Carlos, tanto a questão do consumo de carne quanto a do bem-estar animal merecem espaço para apurações aprofundadas. Agradecemos as orientações!**



# 16

CAPA

## Sondando o futuro

Tendências são vistas ao olho nu. Mas estar preparado para “o que der e vier” pede, além de metodologias rigorosas, muita intuição

**10 Economia Verde** Baixa transparência dificulta o acesso a informações sobre a rastreabilidade da carne bovina nos líderes do varejo no Brasil

**12 Entrevista** Gerson Pinto, da Natura, conta como lidar com o conflito entre o “curto-prazismo” ditado pelo ritmo da inovação e o perfil voltado ao longo prazo

**32 Tendências globais** Ao cruzar três estudos conceituados, PÁGINA22 destaca cinco focos de atenção para este e os próximos anos

**40 Agenda Brasil** A agenda de temas quentes no Brasil em 2014 vai além da Copa do Mundo e das eleições

**46 Bem-estar** Pesquisas mostram que o brasileiro se ressentido com políticos, serviços públicos e instituições, mas está de bem com a família e os amigos

SEÇÕES

6 Notas | 8 Antena | 24 Retrato | 30 Web | 31 Coluna | 38 Artigo | 39 Análise | 50 Última

CAPA: FOTOGRAFIA DE TOM BRAZ

MUDANÇA CLIMÁTICA

## Aquecimento reduz o tamanho de peixes



Um artigo publicado em setembro de 2012 na revista *Nature Climate Change* por cientistas da Universidade da Colúmbia Britânica, no Canadá, já apresentava projeções sombrias para 2000-2050 sobre os efeitos da mudança climática e da diminuição do oxigênio no tamanho dos peixes de mais de 600 espécies analisadas. No cenário de emis-

sões elevadas de gases-estufa, o tamanho máximo dos peixes encolheria entre 14% e 24% – percentual previsto para os trópicos, onde os peixes diminuirão mais (leia o artigo em [bit.ly/1guotZr](http://bit.ly/1guotZr)).

Desta vez, outra pesquisa mira o mesmo problema e mostra que já existem evidências do problema no Mar do Norte. Os resultados do trabalho foram

publicados no fim de janeiro na revista *Global Change Biology* por cientistas da Universidade de Aberdeen, na Escócia (acesse em [bit.ly/1fqw4VO](http://bit.ly/1fqw4VO)).

Entre 1970 e 2008, seis entre oito espécies comerciais do Mar do Norte estudadas pela equipe registraram redução média de 29% no seu tamanho máximo, o que coincidiu com um aumento de 1 a 2 graus na temperatura do mar. A disponibilidade de alimento e um crescimento na atividade pesqueira também poderiam explicar essa queda, entretanto, o declínio no tamanho dos peixes, sincrônico com o aquecimento do oceano, levou os pesquisadores a identificar a mudança climática e a alta na temperatura da água como fatores mais prováveis da redução.

Quanto mais quente a água, mais acelerado se torna o metabolismo dos peixes, que tendem a consumir mais oxigênio. As espécies são *haddock* (hadoque), *whiting* (badejo), *herring* (arenque), *Norway pout* (faneca), *plaice* (solha) e *sole* (linguado, solha). – José Alberto Gonçalves Pereira

CONSUMO RESPONSÁVEL

## Rede de informações

O Greenpeace da Alemanha atualizou a sua lista de pescados recomendados para o consumo, segundo critérios de sustentabilidade. Entre as 44 opções da listagem, apenas a carpa é recomendada sem restrições. Algumas espécies são indicadas com ressalvas, como o bagre – cuja versão brasileira não tem seu consumo considerado sustentável – e o arenque, com exceção para aquele produzido no Mar do Norte. Os populares atum, salmão, truta e bacalhau estão entre as espécies ameaçadas pela superexploração de estoques pesqueiros e por isso devem ser evitados pelos consumidores.

O guia alemão tem por objetivo orientar o consumo responsável de peixes e frutos do mar e pressionar indústria e varejo a serem mais transparentes quanto à rastreabilidade desses produtos. Seus critérios englobam a gestão dos estoques e o impacto ambiental dos métodos de pesca e aquicultura. O consumidor brasileiro tem a opção de se orientar pelo *Guia de Consumo Responsável de Pescados* (acesse em [bit.ly/1ilPmYZ](http://bit.ly/1ilPmYZ)), produzido pela Unimonte de Santos. – Carol Nunes

FAÇA VOCÊ MESMO

## Festeje e conserte

Há um tipo novo de festas agitando Londres. As pessoas se conhecem, interagem, mas têm um objetivo maior que a socialização: aprender a consertar seus produtos eletrônicos, como computadores e celulares. São eventos organizados pelo Projeto Restart, que há 20 meses orienta as pessoas a evitar jogar no lixo um objeto com defeito. “O resultado mais importante é a conscientização. Nosso time não só faz o reparo sem cobrar nada como desmistifica os eletrônicos e ajuda as pessoas a se sentirem mais confiantes sobre a solução dos problemas e o conserto sozinhas”, escreveu Janet Gunter, cofundadora do projeto, no jornal *The Guardian*. No ano passado, 500 pessoas participaram das festas e mais de 400 quilos de lixo eletrônico foram evitados. Esta é também uma forma de os fabricantes perceberem que os consumidores valorizam produtos duradouros. O projeto está em contato com 54 pessoas de 10 países para levar as festas a mais lugares do mundo. – Thaís Herrero

FINANCIAMENTO COLETIVO

## Quem faz e quem apoia

Em janeiro de 2011, o site [Catarse.me](http://Catarse.me) ia ao ar para dar força a uma prática que se disseminava no mundo: o financiamento coletivo. No Brasil, foi o primeiro site de *crowdfunding*. Três anos depois, já tirou cerca de 900 projetos do papel graças a doações entre R\$ 10 e mais de R\$ 1.000. Para comemorar o aniversário, a equipe do Catarse fez uma pesquisa com 3.336 usuários do site, assinantes da *newsletter* e seguidores em redes sociais para traçar o perfil dos realizadores de projetos e seus apoiadores.

Na visão da maioria dos respondentes ao *Retrato do Financiamento Coletivo no Brasil*, o *crowdfunding* é uma ferramenta de independência “da sociedade civil para a sociedade civil”. Tanto que, a maioria (82%) se disse contrária à participação do governo em alguma etapa da dinâmica

Pedir financiamento coletivamente para uma ideia é torná-la pública, então, os apoiadores desejam transparência. Para 64% das pessoas, a divulgação clara de como a verba recebida será implantada é determinante para dar ajuda ou não uma causa.

O fator mais importante para a decisão da contribuição foi a “identificação com a causa”. Em segundo lugar, ficou a confiança no potencial do proponente. Uma das características do financiamento coletivo é o oferecimento de “recompensas” para o doador, como brindes ou ter o nome citado no projeto. Mas apenas 14% disseram que só apoiam um projeto se a retribuição valer a pena.

Acesse o relatório completo em [pesquisa.catarse.me](http://pesquisa.catarse.me). (TH)



## Olha isso!

FABIO F. STORINO  
Doutor em Administração Pública e Governo

### Combinando com os russos

Em 1958, o Brasil disputava uma partida contra a Rússia na Copa do Mundo da Suécia. O técnico Vicente Feola passou à Seleção Canarinho as instruções sobre como proceder em campo. A pergunta veio de Mané Garrincha: “O senhor combinou com os russos?”

Tal é a sina das previsões de fenômenos humanos: elas dependem de interações entre dezenas, milhares, às vezes milhões de pessoas. Estas, por sua vez, podem depender de fatores tão prosaicos quanto imprevisíveis: juízes dão sentenças muito mais duras quando estão com fome do que logo após as refeições (ver estudo em [goo.gl/xRwbGA](http://goo.gl/xRwbGA)). Como é possível fazer previsões diante de tanta volatilidade e incerteza?

O desafio parece não desanimar especialistas, embora, de acordo com o psicólogo Philip Tetlock, professor da Universidade da Pensilvânia e autor de *Expert Political Judgment*, eles não costumem se sair muito bem nas previsões. No livro, resultado de uma pesquisa de 20 anos envolvendo 284 especialistas de várias áreas e cerca de 28 mil previsões, os *experts* saíram-se ligeiramente melhor do que o acaso e pior do que simples algoritmos de computador.

Por que, então, é ainda forte o apelo das previsões de especialistas? São várias as respostas prováveis, e aqui listo apenas três delas. Primeiro, um bom exercício de futurologia nos fornece, na pior das hipóteses, um bom exercício analítico envolvendo atores, motivações, cenários etc. Isso é valioso por si só, ainda que o resultado esperado não se concretize. Segundo, fenômenos humanos estão sujeitos à chamada “profecia autorrealizável”: um relatório influente pode afetar expectativas e decisões dos autores envolvidos. Por último, sofremos do chamado viés de

confirmação: nosso cérebro registra com maior facilidade os acertos que os erros, de forma que as previsões furadas caem mais rapidamente no esquecimento, enquanto as certas elevam o especialista ao status de “guru” e reforçam ainda mais o valor que damos às previsões.

No estudo de Tetlock, os especialistas que mais erraram foram justamente aqueles mais seguros em relação a suas previsões e pressupostos. Os que se saíram melhor aceitavam a complexidade e a incerteza inerentes, faziam uso de uma fonte mais ampla de informações e modelos analíticos e demonstravam menor confiança em sua própria análise. Mas qual desses dois tipos de especialistas tende a ganhar maior espaço e projeção na imprensa?

O jornalista Dan Gardner, autor de *Future Babble*, cita em seu livro esse e outros experimentos curiosos em futurologia. Em 1984, por exemplo, a revista *The Economist* pediu para ex-ministros de Finanças, CEO de empresas, estudantes de Economia e lixeiros de Londres fazerem previsões sobre taxa de crescimento, inflação e outros indicadores econômicos. Uma década depois, ela reviu as previsões. Os lixeiros londrinos empataram com os CEO em primeiro lugar, enquanto os ministros de Economia ficaram em último.

No final das contas, o principal viés cognitivo para o qual devemos nos atentar ao tratar de previsões é o de retrospectiva: se ainda temos alguma incerteza quanto ao futuro, tudo o que já passou hoje nos parece um resultado óbvio. Assim provavelmente deve ter pensado o técnico Feola, ao ver Garrincha dando um baile de bola nos russos e se tornando um dos artífices dos nossos dois primeiros títulos mundiais.

## Externalidades e tributação

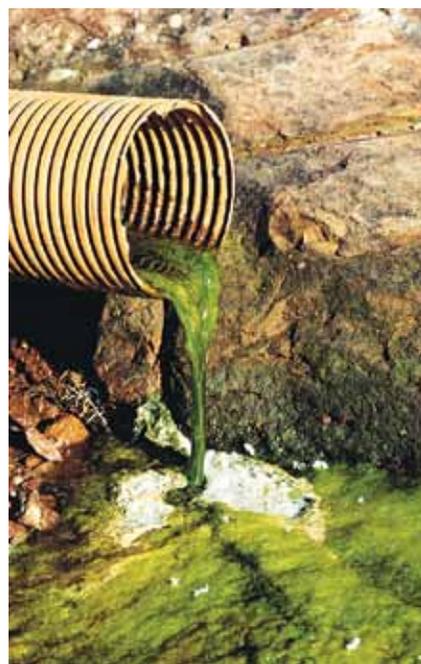
Uma indústria que despeja água com dejetos químicos em um rio à sua volta é apenas um exemplo das chamadas "externalidades negativas", em que o passivo socioambiental que a empresa gera em seus processos produtivos acaba sendo pago pela sociedade como um todo.

Ponto crucial da sustentabilidade, a redução das externalidades é chave também para aumentar a **competitividade da economia** brasileira. Em 2014, o assunto ganhará maior importância como critério de seleção para compras públicas e privadas, inclusive no âmbito do comércio internacional. E, ao promover a Avaliação do Ciclo de Vida de produtos (ACV), o GVces pretende contribuir para o mapeamento e cálculo das externalidades.

Uma maneira de reduzi-las é lançar mão de instrumentos fiscais que punam a chamada economia marrom e premiem a economia verde e inclusiva, desde a taxa sobre produtos e atividades (como imposto sobre emissões de carbono) até uma reforma na política tributária.

O estudo *Política Fiscal Verde no Brasil* (acesse em [bit.ly/1dw1Tgh](http://bit.ly/1dw1Tgh)) sintetiza o conhecimento do GVces e traz **propostas concretas** sobre o assunto. Como participante do Grupo de Trabalho de Política Tributária e Sustentabilidade, criado pela Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal, nos

próximos meses de 2014, o GVces atuará ao lado de outras organizações para que essas e outras propostas sejam incorporadas nas plataformas eleitorais e nas agendas dos atores públicos e privados.



GLOBAL WATER PARTNERSHIP / FELICKR

### Serviços ecossistêmicos

O tema ganha relevância no cenário internacional e será destaque na Convenção da Diversidade Biológica de novembro, em Seul. A iniciativa Tendências em Serviços Ecossistêmicos (TeSE) desenvolve, com empresas, **ferramentas para quantificação e valoração** econômica de serviços ecossistêmicos. Esses serviços são os benefícios gerados pela natureza que, juntamente com os recursos naturais, constituem o chamado capital natural. Exemplos: a fertilidade do solo (por beneficiar a agricultura), a qualidade das águas e a polinização das abelhas. Atividades econômicas devem levar em conta esses serviços, já que deles dependem e sobre eles impactam. Valorá-los em termos financeiros, portanto, ajuda a dimensionar a sua relevância.

### Direitos humanos a crianças e adolescentes

Um país que recebe eventos esportivos ou levanta obras de infraestrutura deve encarar as transformações que esses megaempreendimentos causam, especialmente em regiões com fraca presença do Estado. Nesse contexto, há um grupo **especialmente vulnerável**: crianças e adolescentes. O GVces, a Childhood Brasil e o Grupo de Pesquisa sobre Direitos Humanos e Empresas

da Escola de Direito da FGV, juntos, discutem a questão das crianças e jovens em locais com grandes obras e outros empreendimentos. Em 2013, construíram diretrizes empresariais de geração de valor a partir da proteção integral desse grupo. E, em 2014, trabalharão com a implementação dessas diretrizes pelo setor privado e da articulação no âmbito de políticas públicas.

### SINTONIZANDO

#### COMPRAS NA COPA

Juntamente com o Pnuma e o Ministério do Meio Ambiente, o GVces tem um projeto para publicar estudo sobre a inserção de sustentabilidade em grandes eventos. Com isso, espera deixar um legado para o Brasil no tema.

#### ADAPTAÇÃO CLIMÁTICA

Serão publicados estudos e promovidas oficinas de capacitação para subsidiar o planejamento nacional no tema. Com o programa Sustentabilidade Global, o GVces abordará o assunto com o setor empresarial, e, com o programa Política e Economia Ambiental, terá uma oficina com o setor industrial no âmbito de uma iniciativa conjunta da Confederação Nacional da Indústria e ministérios federais.

#### FINANÇAS SOCIAIS

O GVces foi convidado pelo Instituto de Cidadania Empresarial a cooperar com um grupo de trabalho que apoiará uma Força-Tarefa para as Finanças Sociais (FTFS). Espera-se que, a partir de seu lançamento este ano, a FTFS aumente os recursos para esses campos emergentes.

#### INOVAÇÃO

Serão organizadas atividades para identificar experiências inovadoras em desenvolvimento local alinhado com sustentabilidade e atenção na economia local. Em seguida, o GVces proporcionará a interação com as empresas integrantes das Iniciativas Empresariais.



# Por que ter atitudes sustentáveis é bom pra todos?

Porque, com iniciativas como o Programa Água Brasil, contribuimos para a conservação das águas brasileiras e para um futuro melhor para as pessoas. E isso é bom pra todos.

Ana Gabriela, filha do José Francisco Martins, funcionário do Banco do Brasil.



@bancodobrasil /bancodobrasil bb.com.br/sustentabilidade

Central de Atendimento BB 4004 0001 ou 0800 729 0001 • SAC 0800 729 0722  
Ouvidoria BB 0800 729 5578 • Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0688

BOMPRATODOS

## Boi na linha

Baixa transparência dificulta o acesso a informações sobre a rastreabilidade da carne bovina nos líderes do varejo no Brasil

JOSÉ ALBERTO GONÇALVES PEREIRA, LYDIA MINHOTO CINTRA E MAGALI CABRAL

**E**ntre saborear um filé-mignon e defender a conservação da Floresta Amazônica, existem tantas nuances que, dependendo do grau de exigência do consumidor consciente, as duas opções podem ser incompatíveis.

O sistema de rastreamento da carne bovina foi criado exatamente para atenuar o dilema dos que não querem abrir mão da proteína animal, tampouco contribuir para transformar em pastagem a maior floresta tropical do mundo ou estimular o trabalho escravo. Nesse sentido, o papel do varejo nos sistemas de rastreabilidade de alimentos tem se mostrado cada vez mais decisivo para forçar os outros elos da cadeia a seguir padrões de sustentabilidade socioambiental.

No caso da carne bovina, a tarefa é das mais árduas, uma vez que se trata de uma cadeia de negócios bastante complexa, com várias fases de produção em diferentes fazendas – cria, recria e engorda – e milhares de frigoríficos com estrutura precária para controlar a qualidade do gado comprado dos pecuaristas. A reportagem de PÁGINA22 procurou as três maiores redes varejistas do País – Walmart, Carrefour e Grupo Pão de Açúcar (GPA) – para conhecer seus programas de rastreamento da carne bovina.

O trabalho não foi facilitado pelo Carrefour, pioneiro nesse tipo de controle, nem pelo Grupo Pão de Açúcar. Ambos adotam modelo pouco transparente de relacionamento com a imprensa ao só admitirem perguntas por e-mail, sem a possibilidade de entrevistas pessoais ou por telefone. As respostas também passam pelo filtro dos assessores que formatam o conteúdo, transformando-o em textos autologosos, que ignoram questões fundamentais, como a participação da carne rastreada no total comercializado. Na contramão do Carrefour e GPA, a gerente de sustentabilidade do Walmart, Tatiana Donato Trevisan, concedeu entrevista por telefone.

A reportagem também conversou sobre o tema com um veterano nas iniciativas para tornar mais sustentável a pecuária brasileira, Roberto Smeraldi, fundador e diretor da Oscip Amigos da Terra – Amazônia Brasileira. Segundo ele, a cadeia da carne bovina no Brasil historicamente possui baixa transparência, articulação e organização. “Muitos pecuaristas não têm sequer planilhas de custos, não sabem ao certo se seu negócio é rentável e não medem seu rebanho nem o quanto possuem de terra”, afirma.

Por isso, ele crê que a rastreabilidade integral da carne bovina comercializada por uma rede varejista possa até chegar aos frigoríficos, mas incluir as fazendas no sistema é um desafio pedregoso. Diferentemente da produção suína e avícola, os bovinos são mais difíceis de rastrear, visto que, entre outras razões, mudam de fazenda em função da fase de desenvolvimento do animal.

Para facilitar o entendimento e a comparação das respostas fornecidas pelos três hipermercados consultados, optamos por mostrar como cada um versa sobre três requisitos cruciais para avaliar a qualidade de um programa de rastreamento: **abrangência** geográfica do sistema, **confiabilidade** das informações coletadas e **transparência** nas relações com o consumidor e as partes interessadas (*stakeholders*, como universidades, entidades ambientalistas e de consumidores, associações profissionais e ONGs em geral), por meio de consultas, mesas-redondas e seminários.



GREENPEACE BRASIL

### WALMART

Dois projetos foram lançados em abril de 2013 pelo Programa de Pecuária Sustentável do Walmart Brasil: um que assegura aos consumidores maior garantia sobre a origem da carne bovina comprada no supermercado por meio de um sistema de monitoramento por satélite; outro que apoia os pecuaristas da Amazônia na criação de gado em parceria com a The Nature Conservancy (TNC). O monitoramento e a gestão de risco da carne bovina do Walmart integra, em um mesmo sistema, dados de georreferenciamento que mapeiam desmatamento, Terras Indígenas, Unidades de Conservação, informações das listas públicas de áreas embargadas pelo Ibama e trabalho escravo. Com isso, a equipe comercial consegue suspender a compra de carne, antes de receber o produto do frigorífico, caso identifique risco ambiental ou social na fazenda que forneceu o gado para abate.

**Abrangência** – O programa de rastreamento iniciado em abril começou pelo bioma amazônico e deve contemplar 100% dos fornecedores do Walmart na região até 2015. A empresa não informa o total de fornecedores parceiros (frigoríficos e fazendas) nem a participação do bioma amazônico no total de carne bovina comercializada. Sem esse dado, fica difícil saber o peso da Amazônia nas vendas de carne bovina do Walmart. A empresa limita-se a declarar que seu abastecimento é oriundo de centenas de plantas frigoríficas e milhares de fazendas. Os outros biomas só entrarão no programa após 2015.

**Confiabilidade** – A empresa não contratou certificadora para atestar como terceira parte a veracidade e confiabilidade de seu sistema de monitoramento, sendo ela própria a responsável pelos controles do programa.

**Transparência** – O Walmart não disponibiliza na internet dados sobre seus fornecedores. As informações sobre os dois projetos em curso estão em um release divulgado no início de abril de 2013, que tem seu conteúdo reproduzido em seu website. Além da TNC, mantém conversas com Greenpeace e WWF e participa do Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS).

### CARREFOUR

O Carrefour foi o primeiro hipermercado do mundo a criar um programa de garantia de origem, em 1992. Com o sucesso na França, o projeto foi ampliado e implementado no Brasil em 1999.

**Abrangência** – Apenas a carne bovina com o selo Garantia de Origem Carrefour é 100% rastreável, mas a empresa não informa a origem geográfica do produto nem sua participação no total comercializado. Segundo sua assessoria de imprensa, o produto atende a uma lista de mais de 80 especificações em 13 categorias, tais como manejo sustentável de pastagem, alimentação, sanidade e bem-estar animal e gestão de resíduos e poluentes, além de bem-estar e respeito aos direitos trabalhistas.

**Confiabilidade** – A assessoria afirma que o programa de Ga-

rantia de Origem realiza auditoria anual nos fornecedores com empresa independente, mas esclarece que o selo de Garantia de Origem não é uma certificação independente. A qualidade da produção é controlada por meio de análises microbiológicas realizadas semestralmente.

**Transparência** – A carne bovina comercializada com o selo Garantia de Origem possui um código de barras QR (do inglês *quick response*), que permite ao consumidor acessar informações dos produtos ainda na gôndola pela tela de um celular inteligente com tecnologia Android ou iPhone. Os dados também podem ser consultados no site [garantiadeorigem.com.br](http://garantiadeorigem.com.br). A reportagem buscou informações da origem de um produto no site por meio do QR e atestou que o mecanismo funciona de fato. Mas o percurso no site para chegar até lá não é nada fácil. Também não houve esclarecimento a respeito do relacionamento do Carrefour com partes interessadas (*stakeholders*).

### GRUPO PÃO DE AÇÚCAR (GPA)

O Programa Qualidade desde a Origem (QDO) do grupo foi lançado em 2008. Em uma primeira fase, incluiu o setor de frutas, legumes, verduras. Em seguida, as carnes. As da marca Taeq (própria da rede) sempre foram rastreadas, desde que começaram a ser vendidas, em 2007.

**Abrangência** – No fim de março de 2013, o GPA firmou compromisso com seus fornecedores para que o QDO alcançasse 100% da carne bovina comercializada nas redes Pão de Açúcar e Extra. Em janeiro, 99% da carne já era rastreada, com previsão de chegar a 100% até junho. Contudo, quase um ano após o anúncio, a informação ainda não constava no site do programa ([qdo.com.br](http://qdo.com.br)) até o fechamento desta edição. Também não há no site informação sobre a distribuição das fazendas e frigoríficos fornecedores de carne bovina nos diversos biomas brasileiros.

**Confiabilidade** – Não há informações sobre a existência de selos certificadores do programa de rastreabilidade do grupo. De qualquer maneira, o site do programa mostra que houve um aumento considerável nas auditorias de fornecedores, que evoluíram de 73 em 2008 para 543 em 2011 – mas não separa o segmento de frutas, legumes e verduras (FLV) do de carnes. De acordo com a assessoria de imprensa do GPA, uma única empresa audita os fornecedores. O GPA, entretanto, não divulga a proporção de carne rastreada que passa por auditorias.

**Transparência** – Segundo a empresa, o consumidor pode consultar a origem da carne acessando o site [qdo.com.br](http://qdo.com.br), onde digita um código que vem na embalagem, ou por meio de aplicativo de celular que lê o código QR. Mas o site dá instruções apenas para a consulta das carnes Taeq. A reportagem tentou, sem sucesso, verificar a origem da carne bovina embalada em bandejas à venda em uma das principais lojas do Pão de Açúcar em São Paulo. Veja detalhes do teste na versão digital desta reportagem em [fgv.br/ces/pagina22](http://fgv.br/ces/pagina22). Não houve resposta sobre o tema do relacionamento com *stakeholders*. 



## Além das paredes

TEXTO AMÁLIA SAFATLE E JOSÉ ALBERTO GONÇALVES PEREIRA  
FOTOS PEPE GUIMARÃES

**Antes restrita** aos muros das empresas, a inovação em companhias brasileiras cada vez mais rompe as paredes para se conectar com organizações de fomento, centros de pesquisas e universidades – e dali buscar ramificações as mais diversas. No caso da Natura, empresa reconhecida entre as mais inovadoras do mundo, envolve também fornecedores e consumidores. É o que a empresa gosta de chamar de “ecossistema da inovação”. “Isso significa reconhecer a competência que existe no outro”, diz → **Gerson Valença Pinto**, que há menos de um ano ocupa a vice-presidência da área. Mas a busca por inovação em um ambiente competitivo provoca um “curto-prazismo” que pode conflitar com os planos de longa maturação de uma empresa também identificada pelo alinhamento à sustentabilidade. “O desafio é encontrar o balanço entre o sucesso de hoje, de amanhã e de depois de amanhã”, afirma.

**A Natura é reconhecida como uma empresa de ponta, especialmente no campo da sustentabilidade. Como a antena da Natura funciona? Como vocês captam tendências? Onde buscam inspiração, o que observam e de que forma? Quem é responsável dentro da empresa e como o olhar dessas pessoas é treinado?**

Inovação tem de ser maior que uma área específica e permear toda a empresa. É o processo mais transversal e complexo de uma organização. Há vários instrumentos de captura de tendências e oportunidades. Estamos sempre monitorando o que está acontecendo do ponto de vista do comportamento humano, de tecnologias cosméticas, de sustentabilidade.

**Mas por meio de quais instrumentos? É leitura de relatório, é observar o que está nas ruas?**

Fazemos trabalhos específicos e pesquisas quali e quantitativas, a fim de entender as questões do nosso tempo, do consumidor, do meio ambiente. Temos um grupo, por exemplo, que é o Centro de Informações Bibliográficas, voltado para entender o que está acontecendo em termos de lançamentos, tecnologias, questões ambientais, movimentos da concorrência. Todo esse ambiente de inovação aberta é absolutamente estratégico. Quanto mais aberta a inovação, mais se consegue captar tendências.

**O que é esse conceito de inovação aberta e como é operacionalizado?**

No passado, a inovação acontecia basicamente nos limites da empresa, com seus recursos humanos, com seus equipamentos, fábricas. Com o tempo, as empresas foram percebendo que a grande força da inovação está em se conectar com o mundo aí fora, ou

→ **O vice-presidente de inovação da Natura é químico com pós-graduação em marketing. Antes de aportar na Natura em abril de 2013, trabalhou em empresas como Unilever, Johnson & Johnson e PepsiCo**



seja, universidades, centros de pesquisa, fornecedores, que também estão olhando o mercado e têm ângulos diferentes e complementares aos da empresa.

### Daí as parcerias com entidades como a Fapesp?

Temos várias iniciativas de projetos com universidades no Brasil e no mundo, em que buscamos juntar o conhecimento da empresa com o conhecimento em profundidade do técnico, do especialista. Isso significa reconhecer a competência que existe no outro e que na junção de todos criamos valor conjunto. As universidades têm uma ramificação em várias áreas do conhecimento que amplificam nosso olhar.

**A revista Forbes situou a Natura em 10º lugar entre as 100 empresas mais inovadoras do mundo – as outras brasileiras na lista foram a BRF (39ª) e Ultrapar Participações (55ª). Em 2012, a Natura investiu 2,5% a 3% da receita líquida em pesquisa e inovação, um patamar elevado para a média do setor privado no País.**

É acima do que o Brasil investe e também é um valor muito competitivo em nível internacional.

**Como vocês lidam com as demandas de sustentabilidade, que trabalha em planos de médio a longo prazo, e as da competitividade, que precisa dar muitas respostas imediatas? Vocês se orgulham do alto índice de inovação (a taxa, que mede o percentual da receita obtida com lançamentos, foi de 67,2% em 2012). Isso é sustentável?**

É o dinamismo do mercado, a gente precisa sempre encantar o consumidor. Lançamos 104 produtos ao longo de 2012. Mas, antes, queria falar sobre o que nos orienta: que o “bem estar bem” esteja no coração de tudo que fazemos e que a inovação seja a expressão desse “bem estar bem”.

### O que significa o slogan “bem estar bem”?

“Bem estar” é a relação do indivíduo com ele mesmo, e “estar bem” é a relação com o outro indivíduo e o planeta. Há três grandes vetores da inovação que orientam nosso programa de ciência e tecnologia: bem-estar e relações, tecnologias sustentáveis e tecnologias cosméticas. Quanto mais elementos dessa combinação existirem, mais forte e diferenciadora fica a nossa inovação.

**Desde que a empresa se tornou uma companhia de capital aberto, o quanto a pressão dos acionistas por resultados trimestrais atrapalha a inovação de longo prazo, que contempla atitudes de vanguarda e mais arriscadas por parte da empresa?**

A gente sempre tem de entregar resultados de curto prazo, o acionista espera isso, mas quem compra uma ação da Natura sabe que estamos investindo no longo prazo. Não acreditamos só em resultados de curto prazo, estes têm de ser consequência de uma estratégia construída lá atrás. É possível ter uma companhia de resultados fantásticos: cortam-se os projetos de médio e longo prazo e reverte-se isso em lucratividade. Mas aí como ficam os resultados do próximo *quarter*? E o próximo? O desafio é encontrar o balanço entre o sucesso de hoje, de amanhã e de depois de amanhã.

As universidades têm ramificações que amplificam nosso olhar

**Um sinal dessa pressão dos acionistas não teria sido a queda drástica de posição da Natura no ranking das empresas mais sustentáveis do mundo, segundo o índice Global 100 da (empresa canadense de informações financeiras) Corporate**

**Knights – de 2º para 23º lugar? Como vocês pretendem reverter essa posição?**

Como participante do comitê executivo da empresa, posso dizer que a possibilidade de deixar de investir a médio e longo prazo para entregar resultados maiores de curto prazo não passa. Resultado e inovação em curto, médio e longo prazo caminham juntos. Mas os de médio e longo têm de aterrissar cada vez mais forte dentro do negócio, e estarem cada vez mais conectados com a estratégia de negócios da companhia.

**O senhor pode dar um exemplo, para não ficar tão abstrato? O que é um projeto de médio ou de longo prazo?**

Um exemplo na área de sustentabilidade: o dendê (*palma*) hoje é muito produzido por meio de monocultura. Então, através de um projeto em parceria com a Embrapa e outras entidades, estamos desenvolvendo no Pará um plano de produção de dendê no sistema agroflorestal. O dendê convive com outras plantas, o que permite ao produtor obter renda de forma diversificada.

**Mas, se no ano que vem a posição diminuir mais, pode ficar complicado. A Natura é uma empresa que, quando cai muitas posições em um ranking, desperta a opinião pública.**

Estamos trabalhando com um *pipeline* muito forte de inovação para os próximos anos. Lógico que eu não posso revelar que novidades são essas em um mercado extremamente competitivo. Fizemos um retrabalho de foco em nossos programas de ciência e tecnologia. A gente tem iniciativas em inovação aberta, em que ganhamos nós, os centros de pesquisa, os fornecedores, as universidades.

### Todo o ecossistema de inovação?

Exato! Ecossistema de inovação é a *buzzword*, é a palavra-chave. Tem duas iniciativas importantes nesse sentido. Uma é o Cocriando, projeto lançado no ano passado, em que nos conectamos com o consumidor. Outro é o Natura Campus, que existe há 6 anos e busca se conectar com o desenvolvimento de tecnologia, inclusive com uma seção especial para a Amazônia.

**Voltando ao ranking, também houve saída de nomes importantes, como Cemig, Vale e Banco do Brasil? O Brasil estaria perdendo protagonismo? Haveria uma espécie de “ressaca” da sustentabilidade no País? Vocês que têm observado tendências saberiam dizer se este é um fenômeno? O que pode ter influenciado? Temores econômicos? Inflação?**

Para a Natura, sustentabilidade continua sendo estratégico. No meio em geral, eu não sinto que, de um ano para outro, tenha havido qualquer desaceleração ou perda de foco, e sim que as empresas têm cada vez mais considerado a sustentabilidade como importante para a gestão dos negócios.

**A Finep (Financiadora de Estudos e Projetos) autorizou recentemente um aporte à Natura que é o maior já aprovado para a empresa. Há outro projeto em curso com a Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), o Centro de Pesquisa Aplicada em Bem-Estar e Comportamento Humano. Vocês estão aumentando significativamente esses volumes?**

Sim. De uns dez anos pra cá, as universidades partem para uma conexão muito mais forte e estruturada com a iniciativa privada, através dos Estudos de Ciência e Tecnologia. E o próprio governo tem investido mais em inovação, no âmbito da Lei do Bem, e de agências como Finep e Fapesp. Claro que há uma es-

## O que temos sentido mais forte é a integração entre produtos e serviços

trada longa pela frente, mas queria dizer que, do ponto de vista do Brasil, existe um movimento de fomentar a inovação. E, por parte da indústria, de aumentar a competitividade em termos regionais e mundial. Somos uma multinacional brasileira, a gente é a matriz. Não temos um *headquarter* central que vai nos alimentar – a gente é essa empresa. Se inovação é importante para outras empresas, é ainda mais para a Natura.

**O que a Natura pretende ganhar ao firmar o acordo com a Fapesp?**

Esse projeto com a Fapesp mora no vetor “bem-estar e relação”. Pretendemos integrar áreas como neurociência, psicologia positiva e entender padrões culturais e sociais, gerando comprovação científica do bem estar bem. Como se pode medir o bem estar bem? Como aplicar esse conceito em novos produtos e serviços? Para a universidade, isso vai gerar conhecimento e poderá ser compartilhado com a sociedade (*mais em Ensaio à pág. 43*).

**Essas informações estarão disponíveis para os concorrentes da Natura?**

Tem parte que sim, e outra que será confidencial.

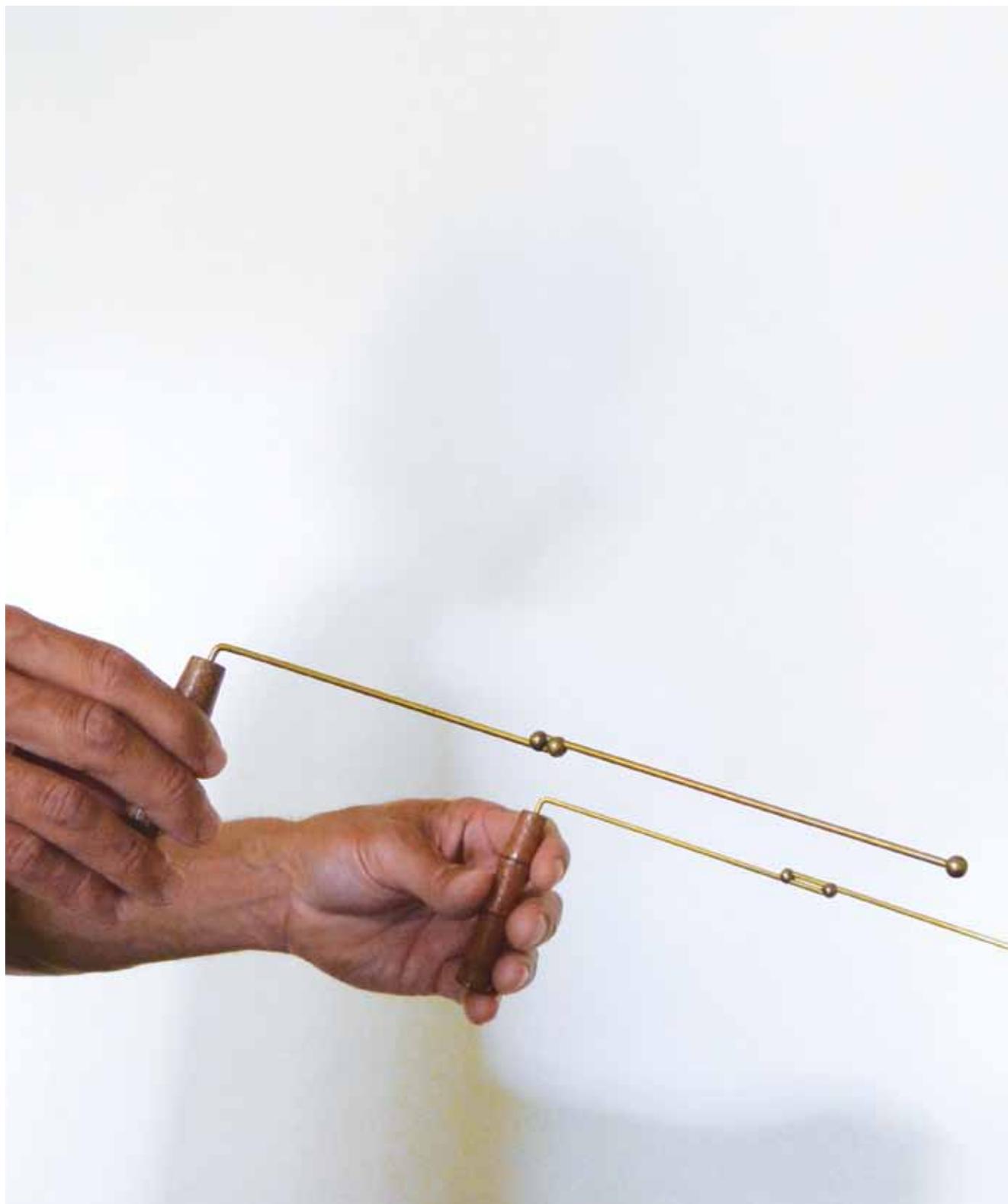
**Como a competição em busca da inovação se reflete no bem-estar interno da empresa? Há comentários de pessoas que já trabalharam na Natura em diversos escalões de que o ambiente de trabalho estimula uma competição bem acirrada, com rotatividade alta.**

Posso falar da minha experiência, estou aqui há nove meses e sinto que este é um ambiente de bastante colaboração, energia, vontade de viver nossos princípios. Fazemos pesquisa de clima todo ano, com colaboradores, fornecedores, consultores e os resultados são bastante favoráveis. Nem tenho elementos para julgar comentários de ex-funcionários.

**O que vocês estão captando como tendência?**

O que estamos sentindo cada vez mais forte é a integração entre produtos e serviços e a convergência de várias tecnologias. **ZZ**

**9** Acesse a nota de esclarecimento da Natura sobre a classificação no ranking da Corporate Knights na versão desta Entrevista em [fgv.br/ces/](http://fgv.br/ces/) página 22.



**Radiestesia** significa sensibilidade à radiação. Por meio de varetas, os radiestesistas dizem medir as energias emitidas por seres vivos ou elementos da natureza, como a água. A prática é muito usada para descobrir canais e poços subterrâneos. Hamilton Trajano estuda radiestesia e colaborou para a imagem desta reportagem. Técnico em agricultura orgânica, trabalha com harmonização de jardins e hortas para pequenos espaços. Contatos: [hamiltontrajano@yahoo.com.br](mailto:hamiltontrajano@yahoo.com.br) e (11) 4614-1351 / 99478-6991

# Sondando o futuro

Tendências são vistas a olho nu. Mas imaginar o tempo mais distante e estar preparado para “o que der e vier” pede, além de metodologias rigorosas, muita intuição

POR MAGALI CABRAL FOTO TOM BRAZ

**O** craque recebe a bola ainda no meio de campo, olha em todas as direções e, em segundos, constrói vários cenários possíveis antes de optar pela jogada que o conduzirá ao gol – ou não, pois uma partida de futebol, assim como quase tudo na vida, está sujeita a imprevistos. Mas o que faz a diferença nessa cena é a capacidade de imaginar reações possíveis, como que rompendo a barreira do tempo futuro por um breve instante. Pode estar aí a razão pela qual uns poucos se sobressaem aos seus pares, seja no futebol, seja na arte, na ciência, no design, na empresa etc.

Esses “iluminados”, segundo a britânica WGSN, a maior empresa de pesquisa de tendências de comportamento do mundo, não passam de 2% a 5% do total da população mundial. São eles que vão mudando o planetacom frequentes doses de inovação.

A fonte que alimenta de dados uma empresa que pesquisa tendências, no entanto, não são os inovadores propriamente, mas sim os chamados *early adopters*, um grupo populacional superantenado, composto por 5% a 20% dos habitantes do globo, que adota para si o que há de mais atual no mundo em um determinado setor. A diretora de pesquisa e planejamento da Mindset/WGSN, Leticia Abraham Malta, explica que essas pessoas, cujo comportamento acaba causando um certo estranhamento por ser vanguardista, funcionam como uma ponte entre o ente inovador e a empresa que pesquisa tendências no mundo.

Embora fundamental para indústrias da

moda, decoração e beleza, e também muito usada na construção de marcas nos mais diversos segmentos empresariais, a análise de tendências diz respeito a um futuro que já foi escrito. Do *early adopter* ao *mainstream*, no campo da moda, por exemplo, é só uma questão de se cumprirem algumas poucas etapas.

Outros exemplos de tendências podem ser o envelhecimento da população, o acesso da mulher a postos de comando, o aquecimento global. “Tendências são vistas a olho nu, basta ‘abrir a janela’ e prestar atenção”, resume Rosa Alegria, diretora da Perspektiva, consultoria de cenários e estratégias, e vice-presidente do Núcleo de Estudos do Futuro da PUC-SP.

Mas o que dizer do futuro mais longínquo, para o qual ainda não se delinearão tendências e só há imprevisibilidade? Esse ninguém consegue enxergar. Imaginá-lo, porém, não só é possível como já se tornou um exercício corriqueiro em grandes corporações. Principalmente depois que o → **Clube de Roma**, com suas lentes sempre mirando o longo prazo, alertou o mundo para a finitude dos recursos naturais a manter-se o cenário *business as usual* – ressalve-se que em 1968 essa premissa não era tão óbvia quanto hoje.

Aparentemente as grandes empresas não deram muita bola para as prospecções alarmantes do Clube de Roma. Mas, na década de 1970, a Shell, exploradora de um recurso natural não renovável, convidou o executivo francês Pierre Wack para chefiar o seu recém-criado departamento de planejamento nos seus escritórios de Londres.

➔ Associação internacional fundada para discutir os problemas mundiais sob uma ótica multidisciplinar e perspectiva de longo prazo

# Para operar em um ambiente de incertezas, é preciso "reperceber" como o mundo funciona, diz Pierre Wack, que previu a crise do petróleo

**Futurista e presidente da Global Business Network, empresa dedicada à exploração do futuro, fundada em 1987, na Califórnia**

No livro *A Arte da Visão de Longo Prazo*, o futurista → **Peter Schwartz** conta que Wack e sua equipe examinaram a situação da petrolífera anglo-holandesa muito detalhadamente, contextualizando-a em um ambiente histórico e econômico. Apuraram que, estranhamente, o preço do petróleo não se alterava desde o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, embora os árabes tivessem motivos de sobra para aumentá-lo.

Wack expôs sua preocupação com o risco de uma alta no preço do petróleo, mas a diretoria da Shell não esboçou reação. Sem desanimar, o francês buscou nos Estados Unidos uma metodologia de estudos de cenários, desenvolvidos para fins militares estratégicos durante a Segunda Guerra, que já estavam sendo usados comercialmente com algum sucesso. Aprimorou-a e construiu vários cenários possíveis para a empresa.

O executivo francês deixou as versões mais otimistas na gaveta e tratou de envolver o maior número possível de departamentos da empresa – das equipes de gerentes aos engenheiros perfuradores de petróleo e marqueteiros – na pior das projeções: que decisões poderiam ser tomadas diante de um possível aumento nos preços do petróleo por parte da Opep, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo?

Foi bem a tempo. “Em outubro de 1973, depois da Guerra do Yom Kippur no Oriente Médio, houve uma alta no preço e a crise de energia abateu-se sobre o mundo”, lembra Schwartz. Menor entre as sete grandes petrolíferas do mundo, a Shell era a única preparada para enfrentar aquele “pesadelo”. Resultado: a petrolífera cresceu em plena crise do petróleo, tornou-se a segunda maior no setor e a

mais rentável de todas durante o período, de acordo com Schwartz.

A Shell nunca mais abandonou o uso de cenários nas grandes decisões e alardeia em seu site ([acesse bit.ly/KCLXfU](http://acesse.bit.ly/KCLXfU)): “As organizações que usam cenários têm mais facilidade de reconhecer problemas iminentes no seu próprio ambiente operacional, tais como mudanças políticas, transformações demográficas ou recessões. Os cenários também aumentam a resiliência em relação a mudanças repentinas causadas por crises inesperadas, como desastres naturais ou conflitos armados”.

A metodologia desenvolvida por Pierre Wack ganhou fama. Ao descrever o seu estudo de cenários em um artigo na *Harvard Business Review*, ele explicou que, para operar em um ambiente de incertezas, as pessoas precisam ser capazes de “reperceber” a forma como o mundo funciona, a fim de poder enxergá-lo mais claramente. Ou seja, não se trata de prever o futuro, mas de estar preparado para tomar as melhores decisões, aconteça o que acontecer.

E, para Peter Schwartz, que na década de 1980 trabalhou com Wack na Shell, o objetivo dos cenários também não é escolher um futuro preferido. Tampouco trabalhar para criá-lo, mesmo que agir para tornar o futuro melhor seja uma função útil dos cenários em algumas situações. “O maior objetivo é poder tomar decisões estratégicas que sejam plausíveis para todos os futuros possíveis”, diz.

## CENÁRIOS E NARRATIVAS

Das várias metodologias que se desenvolveram no mundo de lá para cá, duas têm sido predominantes, segundo Andrea Belfort, consultora sênior da Macroplan, empresa especializada em cenários prospectivos: a escola francesa e a anglo-saxônica. A primeira caracteriza-se por um alto nível de sofisticação e de estruturação, forte rigor metodológico e pelo uso de diversos sistemas analíticos no processo de elaboração de cenários.

Na segunda, predominam métodos intuitivos e criativos na geração dos cenários. “Comparando as duas metodologias no tocante aos instrumentos utilizados, a da escola francesa pode ser considerada *hard*, enquanto a da escola anglo-saxônica é dita *soft*”, avalia a consultora. “Ambas cumprem o papel de

elaborar cenários plausíveis, coerentes, qualitativamente contrastantes e úteis para o processo estratégico”, diz. Foi o teatro, aliás, que inspirou o uso do termo *cenário*. Andrea explica que, não coincidentemente, um cenário é construído a partir de uma história imaginada. A narrativa precisa ter coerência e o máximo de inflexões ao longo do tempo para gerar cenas finais diferentes. Os cenários partem do momento atual e se desenrolam até uma determinada data no futuro, seguindo por caminhos distintos. Cada caminho é um roteiro.

Para criar histórias coerentes com uma estrutura bem “amarrada”, Rosa, do Núcleo de Estudos do Futuro, revela que gosta de incluir jornalistas em suas equipes. “São profissionais com prática em dar um sentido lógico às narrativas, prerrogativa essencial para se obter um cenário plausível”, explica. Outras categorias profissionais que não podem faltar na equipe são engenheiros, administradores de empresas, economistas, sociólogos, antropólogos, entre outros, dependendo da empresa e do que se quer prospectar. Quanto mais diversidade na equipe, mais cenários alternativos surgirão. “Se forem poucas pessoas ou se houver muito consenso, só haverá um futuro possível”, ressalta.

Outro pré-requisito para vestir esses “óculos” multidimensionais, sistêmicos e “antimiopia” de curto prazo, que alonga o olhar para além do mercado competidor, é saber encontrar fontes privilegiadas. De preferência que ainda não entraram no radar da grande mídia. As melhores informações para construir cenários em geral estão em teses de doutorado, em registro de patentes, em blogs. “Se dez anos atrás um profissional confessasse usar blogs como fonte de pesquisa seria motivo de zombaria. Mas hoje todo cientista tem um blog no qual sinaliza a direção das suas pesquisas”, diz a futurista da Perspektiva.

Disponível para download em [oxfordmartin.ox.ac.uk/commission](http://oxfordmartin.ox.ac.uk/commission).

Apurar o senso de observação no dia a dia também é um exercício importante para a atividade. Por exemplo, quando se nota a predominância de carrinhos duplos de bebê nas ruas e nos shopping centers, isso significa uma tendência à inseminação artificial. Esse dado seguramente poderá ser útil na construção de um cenário.

## CURTO PRAZO EMBAÇA O OLHAR

Apesar de todas as incertezas e riscos, o futuro está repleto de oportunidades. Mas o curto-prazismo dos governos e do sistema privado, centrado fundamentalmente em um tipo

de crescimento associado ao aumento da desigualdade e do desemprego, embaça o olhar e prejudica o enfrentamento de desafios globais, como a mudança climática.

Esse é o teor do relatório *Now for the Long Term*, de 86 páginas, lançado no fim de 2013 pela Universidade de Oxford e pela Comissão Oxford Martin

para Futuras Gerações, e que apresenta um estudo de megatendências nos seguintes setores da sociedade: geopolítica, tecnologia, mobilidade, sustentabilidade, saúde e demografia (*mais em reportagem à pág. 32*). ■

A Comissão Oxford Martin para Futuras Gerações, autora do relatório, é formada por um grupo de líderes mundiais, no qual figuram o Nobel de Economia Amartya Sen, a presidente eleita do Chile, Michelle Bachelet, e o editor do *Financial Times* Lionel Barber, entre outras personalidades que compartilham da ideia de que a humanidade está atualmente em uma espécie de encruzilhada: este poderá ser o nosso melhor século, ou o nosso pior.

O resultado vai depender da capacidade do homem de compreender e aproveitar as oportunidades extraordinárias que estão postas, bem como gerir as incertezas e os riscos sem precedentes. O relatório aponta vários destinos possíveis para a sociedade. Qual deles vamos escolher? Só rompendo a barreira do tempo para saber. Mas, como mostram os especialistas e também os craques de futebol, imaginar o futuro aumenta a chance de gol.

A humanidade está em uma espécie de encruzilhada: este poderá ser o nosso melhor século, ou o nosso pior

# Somos os que vieram antes

Com um relógio para marcar o tempo pelos próximos 10 mil anos, a Long Now Foundation quer enviar a mensagem ao futuro de que nós, no presente, nos importamos

POR FLAVIA PARDINI

O tigre-da-tasmânia (*Thylacinus cynocephalus*) é um daqueles animais míticos, sobre os quais se sabe pouco e cujo desaparecimento é amplamente deplorado. Predador formidável, não sobreviveu à ocupação humana do continente australiano: o último espécime morreu em um zoológico em 1936. Hoje, o tigre-da-tasmânia é um dos candidatos favoritos à **“de-extinção”**, ideia que ao mesmo tempo maravilha e repugna quem se preocupa com conservação.

Para quem se importa com o longo prazo, porém, reanimar animais extintos faz todo o sentido.

“Para mim, uma das grandes atrações de trazer espécies extintas de volta é quanto tempo vai levar”, escreveu Steward Brand. Mesmo que tudo corra bem, fazer o tigre-da-tasmânia, o pombo-passageiro (*Ecotopistes migratorius*) ou o mamute-lanoso (*Mammuthus primigenius*) reviver, reproduzir e repovoar seus antigos habitats é projeto para um século. “As crianças que crescerem em tal século talvez tenham uma visão da relação humana com a natureza que não seja trágica, só para variar.”

Pôr as coisas em perspectiva longa é uma das especialidades de Steward Brand, ele que nos anos 1960 clamou que a Nasa publicasse imagens da Terra inteira, como forma de fazer ver o que está em jogo – dando um empurrãozinho ao então nascente movimento ambientalista. Para Brand, a defesa da de-extinção faz parte de um projeto maior, o de oferecer um contraponto à atual

cultura acelerada e tornar o pensamento de longo prazo mais comum.

Ele é um dos criadores da Long Now Foundation, organização sem fins lucrativos sediada em San Francisco, na Califórnia, cuja missão é encorajar, criativamente, a responsabilidade para os próximos 10 mil anos. O elo comum entre os vários projetos da fundação é o exercício de imaginar como o presente pode se comunicar com os residentes do futuro distante.

O principal desses projetos está em construção há 18 anos: um relógio para o “longo agora”, período que engloba os últimos 10 mil anos e os 10 mil a seguir.

Nas escalas geológica e astronômica de milhões e bilhões de anos, a experiência humana torna-se tão trivial que impede a ação, diz o diretor-executivo da fundação, Alexander Rose. “Mas, se olharmos para os últimos e os próximos 10 mil, são 400 gerações para trás e para a frente. Se você considera o passado e o futuro, vai fazer coisas inspirado pelo passado e preservar as opções para o futuro e, enquanto age para si mesmo ou para a atual geração, acaba roubando muitas opções das pessoas que virão a seguir.”

Os desafios de projetar um relógio para o “longo agora” são vários: como construir algo que será reconhecível em 10 mil anos, mantido por pessoas que podem ter nível tecnológico maior ou menor do que o nosso, como garantir que funcione e se mantenha esteticamente inspirador por tanto tempo?

Algumas respostas a equipe da Long Now

tem: será um relógio mecânico, instalado dentro de uma montanha no oeste do Texas, grande o suficiente para permitir que visitantes andem dentro dele. Movido pela diferença de temperatura entre o dia e a noite, contará o tempo constantemente, mas só mostrará a hora e soará – música programada por Brian Eno – quando houver gente por perto para dar corda.

A empreitada de trazer o tigre-da-tasmânia de volta à vida e de construir um relógio para durar 10 mil anos pode parecer absurda, mas, para Brand, Rose e outros envolvidos na ideia do “longo agora”, trata-se de tentar responder a uma questão fundamental. Se um relógio pode funcionar por 10 milênios, não deveríamos garantir que nossa civilização também continue funcionando?

ARTE

# Os fios da inspiração

As conexões em rede põem em xeque a ideia de autoria individual, enquanto a arte é desbancada como radar primordial de tendências. Mas, na visão transdisciplinar, há espaço tanto para a criação coletiva como para aquela obtida em outros níveis de realidade

POR ANA D'ANGELO

O poeta Ezra Pound declarou, em 1934, que “os artistas são a antena da raça”. Desbravando o desconhecido e manipulando códigos livremente, antecipam descobertas científicas ou burilam áreas tradicionais de conhecimento, promovendo cataclismos nos sentidos. A separação ciência e arte, contudo, afrouxou suas fronteiras e, no Pensamento Complexo, inaugurado pelo teórico francês Edgar Morin no século XX, encontrou terreno fértil para o entrelaçamento de coisas que estão aparentemente separadas: razão e emoção, sensível e inteligível, real e imaginário, razão e mito, ciência e arte.

Na tessitura do conhecimento, o que se tem certeza é do constante movimento, com perdão da rima. O escritor de ciência Steven Johnson, no livro *De Onde Vêm as Boas Ideias*, defende que inovações e descobertas provêm de conexões em rede e muito menos de uma inspiração sobrenatural, momentos de luz ou o folclórico “eureka!” Para Johnson, a autoria estaria em xeque: quanto mais pessoas, informações e ideias circularem e se conecta-

rem, mais favorecida está a profusão criativa.

Mas, para Maria de Mello, consultora e orientadora em projetos fundamentados na **transdisciplinaridade**, como a **Formação Integrada para Sustentabilidade (FIS)**, essa teoria de que a criação vem em rede é verdadeira em parte, porque há outras formas de se criar em diferentes níveis de realidade. “Há grandes exemplos da criatividade no mundo que não partem desse tipo de relação entre duas ou mais pessoas. Em matérias abstratas, sutis, a criação se dá de outra maneira”, diz.

Para o multiartista Arnaldo Antunes, o processo de criação parte de um impulso inicial que, após embates, filtros e edições, modifica-se tanto que pode nem lembrar a ideia original (leia entrevista à pág. 22).

Já Maria, que também integra a Rede Transdisciplinar Intergeracional, aposta em potencialidades criativas afluindo de uma vida mais espiritual. “Só que hoje ninguém quer saber de quietude e conflito. Tudo passou a ser gostosinho, bonitinho. A escuta e o tempo de contemplação estão comprometidos.”

Do inglês “de-extinction”, é o processo de trazer espécies extintas de volta à vida por métodos como a clonagem e a recuperação de DNA

Pilares da metodologia transdisciplinar, os Níveis de Realidade facilitam uma compreensão multidimensional e multirreferencial da realidade, seja macrofísica, quando acessada pelos sentidos; seja referente às operações mentais, psíquicas ou emocionais; seja referente às representações mítico-simbólicas das diversas culturas e de nossa interioridade, ou do que nos transcende

Desenvolvida pelo GVces, é uma disciplina eletiva da FGV-Eaesp que se baseia na formação transdisciplinar

Leia o artigo de Steward Brand em [goo.gl/mgaVhB](http://goo.gl/mgaVhB).  
Mais em reportagem de PÁGINA22 em [goo.gl/jrVEMo](http://goo.gl/jrVEMo).

Leia a entrevista com Alexander Rose em [goo.gl/2Q45Cs](http://goo.gl/2Q45Cs).

# “Ciência e arte podem se aproximar na aventura que é a **sondagem do desconhecido**”, diz Arnaldo Antunes

## De onde surgem suas ideias? Conte-me histórias.

Podem surgir de qualquer coisa vivida, vista, sentida, ouvida, lida. Dos fatos e das coisas que me cercam. Mas isso como um primeiro impulso. Depois, até aquilo virar uma criação artística que possa ser compartilhada, o que faz eclodirem ideias é o próprio embate com a linguagem. Conforme vou mexendo, refazendo, filtrando, editando, as ideias iniciais vão se transformando, tomando novos caminhos, e que o próprio jogo formal desbrava. Por isso é que um objeto artístico é insubstituível (intraduzível); pois nele forma e sentido se amalgamam e se tornam indissociáveis. Assim, muitas vezes parto de uma ideia e, no processo, acabo chegando a outras inteiramente diferentes, em geral muito mais interessantes do que aquela que serviu de motivação inicial.

## Você experimenta os limites da linguagem. O que lhe interessa no processo de criação/ investigação?

Tenho interesse nessa sondagem dos limites da linguagem. Acho que faz parte não apenas de um processo de exploração das possibilidades que um código me oferece, mas também de um desejo de colocar em xeque o

próprio código; a natureza de sua organização e seu uso na comunicação expressiva. Isso me leva, muitas vezes, a procedimentos que se poderia considerar como experimentais.

## Ciência e arte são conexões de uma mesma rede?

Creio que, apesar de todas as diferenças – como o fato de a ciência ter aplicações práticas efetivadas pela tecnologia e de os objetos artísticos serem verdadeiros (para usar uma expressão do Paulo Leminski) *inutensílios* –, a ciência e a arte podem se aproximar: em relação ao exercício de um rigor (mesmo que de modos distintos), necessário para chegar à expressão mais justa (no caso das artes) ou à compreensão dos fenômenos (no caso da ciência); e também, em um sentido mais profundo, na aventura que é a sondagem do desconhecido. Temos alguns exemplos de aproximações desses campos, nos trabalhos de Leonardo da Vinci, ou nas invenções do (*escritor e visionário americano Richard*) Buckminster Fuller. A partir da modernidade, a arte se livrou um pouco do conceito de subjetividade e as descobertas científicas se identificaram com outros campos do saber, como a afinidade entre a indeterminação quântica e a filosofia taoista. (AD) 

**O multiartista**  
Arnaldo Antunes  
revela que seu  
processo de criação  
parte de um impulso  
inicial que, após  
embates, filtros e  
edições se modifica  
tanto que pode  
nem lembrar a  
ideia original





---

## Quebrando o silêncio **com tinta**

FOTOS **REDE NAMI** TEXTO **CAROL NUNES**

**Grafite:** para quem vê, uma forma de expressão da arte. Para quem faz, um sinônimo de se sentir em casa. Foi em meio às latas de tinta e a *spray* que a artista plástica Pamela Castro (*foto ao lado*) resgatou o convívio social após a depressão e o isolamento gerados por uma triste situação de violência doméstica. Com seus amigos artistas, ela encontrou o suporte para recuperar a vida ao ar livre. Quanto mais se sentia à vontade nas ruas grafitando, mais a incomodava a falta de mulheres naquele ambiente.

Então veio o estalo para criar a Rede Nami, coletivo de grafiteiras que usa a arte para quebrar as barreiras que param os avanços da mulher na sociedade. Usando a linguagem do grafite, levam o debate sobre feminismo, direitos e empoderamento a comunidades do Rio de Janeiro – mas sem tom professoral.

O projeto “Graffiti pelo Fim da Violência Doméstica” promove oficinas com jovens para divulgar a Lei Maria da Penha. Em um diálogo próximo, discute a violência de gênero em todas as suas facetas e estimula a quebra do silêncio. Ao fim das oficinas, todos expressam nos muros da comunidade os apelos que saem dessas conversas: mais amor, mais respeito e nada de violência. E, se precisar, denuncie.





 Leia a reportagem completa sobre a Rede Nami e a trajetória de Pamela Castro no site da revista: [fgv.br/ces/pagina22](http://fgv.br/ces/pagina22).



PRATA DA CASA

## A ilusão da igualdade

A cena é clássica no **Dia Internacional da Mulher**: empresas homenageiam suas funcionárias com flores, celebrando o espaço conquistado por elas na sociedade. Os dados, porém, rompem com essa ilusão: as mulheres ocupam apenas 13,7% dos cargos executivos das empresas questionadas pelo Perfil Social, Racial e de Gênero das Maiores Empresas do Brasil e Suas Ações Afirmativas, organizado pelo Instituto Ethos.

Ou seja, dentro das salas da diretoria e da presidência serão poucas as flores distribuídas. As mulheres podem até ser a maioria da mão de obra de algumas organizações, mas são predominantemente chefiadas por homens. Esse é um dos reflexos da extrema iniquidade que marca o mercado de trabalho brasileiro.

Na base da pirâmide social, um terço das mulheres recebe até um salário mínimo e estão mais sujeitas ao trabalho informal e à jornada dupla. Não à toa, "Igualdade entre os sexos e valorização da mulher" é a terceira meta dos Objetivos do Milênio, mas ainda está distante de ser cumprida. A melhora das condições de vida das cidadãs ajuda a quebrar o ciclo da pobreza

e vem sendo adotada como estratégia de políticas públicas ao redor do mundo.

O governo federal, por exemplo, dá a titularidade do programa Bolsa Família às mães, como forma de promover a sua autonomia sobre as despesas familiares. Outro exemplo brasileiro é o Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça, que, desde 2005, auxilia organizações públicas e privadas a fortalecer e valorizar suas colaboradoras e reverter a desproporção entre mão de obra masculina e feminina.

No site de PÁGINA22, acesse a reportagem completa e confira exemplos de boas práticas de empresas. – **por Carol Nunes**



PREFEITURA DE SETE LAGOAS / FLEICKER

MUNDO AFORA

## O que vale a pena

Todos os vídeos, textos e imagens do site **Upworthy.com** têm um objetivo claro: tornar-se viral. Mas todos esses vídeos, textos e imagens tratam de questões relevantes e, por isso, merecem mesmo atenção diante de tantos assuntos na internet sem tanta importância para a sociedade.

O site reproduziu, por exemplo, uma **campanha tailandesa contra o fumo**, em que crianças sensibilizam adultos; uma contra a ditadura da beleza, em que deficientes físicos viram modelos de manequins na vitrine; e tantas outras que instigam e mexem com o internauta que navega por lá. Como o site autodefine, seu conteúdo é "sensacional e substancial. Divertido e esclarecedor. Chocante e significativo".



DIVULGAÇÃO

## Para inspirar

O site **estilosdevida.com.br** abriga o movimento IOU. Seu objetivo é que, pelo portal, as pessoas compartilhem suas histórias de vida e, assim, gerem reflexões e questionamentos. Em um dos vídeos da seção "Cine Inspiração", a chef Cíntia Dumienne conta como largou a profissão de publicitária para seguir uma paixão: a culinária. Por trás do movimento estão mais de 40 cofundadores de diversas organizações e setores da sociedade, entre eles Henrique Pistilli, empresário e *bodysurfer*. O site traz um desafio: quem postar a melhor e mais curtida história vai ganhar uma bolsa para o Programa Emergente – Construa seu Estilo de Vida.

VALE O CLICK

### NÃO SÓ ALIMENTOS

Mais do que produtos culinários, o **Farofa** vende vivências de sabores. Há opções de alimentos (como geleias e molhos orgânicos), kits para cozinhar (espaguete artesanal, azeite da Serra da Mantiqueira, pesto orgânico e alho negro) e experiências na prática, como a oficina de degustação de queijo de cabra em uma fazenda em Joanópolis, na divisa leste de São Paulo com Minas, e a oficina de pães em uma "biopadaria".

### DA AMAZÔNIA

Desde o fim do ano passado, um grupo de jornalistas experientes e independentes alimenta semanalmente o site **AmazoniaReal.com.br**. Como o nome sugere, os artigos, vídeos, fotos e reportagens de cunho investigativo têm como prioridade assuntos ligados àquela região e seu povo. O resultado é uma mídia alternativa de qualidade.



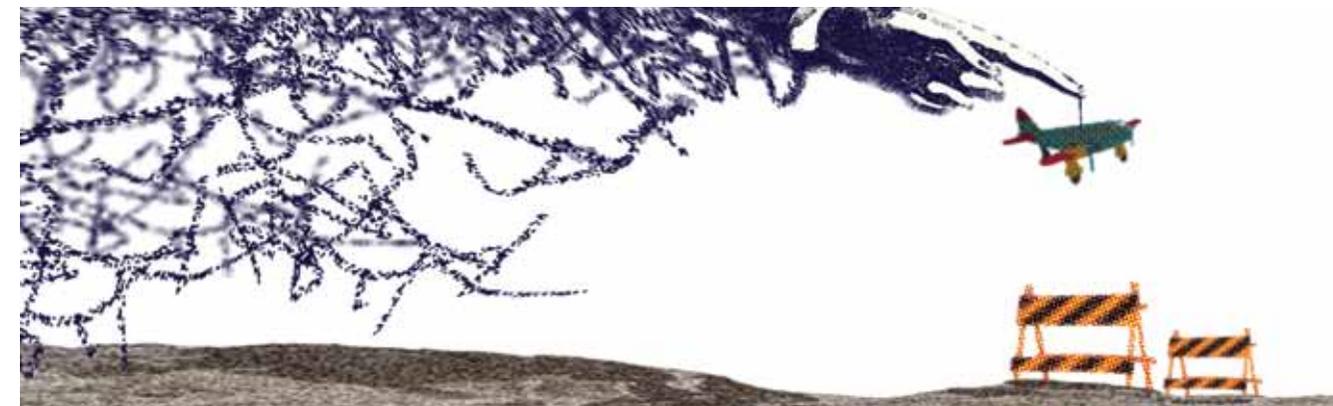
AMAZONIAREAL / GABRIEL IVANI

### VOZES DA PERIFERIA

O Observatório Popular dos Direitos Humanos (**observatoriopopular.com**) é uma ferramenta para monitorar e cobrar políticas públicas voltadas para a periferia e para que a população denuncie abusos e violações de seus direitos. Tem entre seus colaboradores jovens com formação em direitos humanos e comunicação.

## Não verás milagre algum

Quem te vê quebrando o asfalto para as obras na rua nem percebe que é o teu cotidiano que engarrafa e asfixia



**M**eu querido Zé, permite chamar dessa forma. É para acomodar no peito o teu espírito farto e teu semblante langoroso. Porque assim eu chamava a meu marido quando chegava fatigado, o justo carpinteiro de Nazaré. Porque assim é mais carinhoso o falar. Rogo-te o perdão, por não amenizar esse desespero que te enervas. Perdão por não ser possível aceitar a tua lágrima, a tua súplica.

Tu me olhas daí de baixo com os olhos fracos, pedindo graças. Vi a hora em que subiste os degraus da igreja de joelhos doloridos. Tu te apequenas nesse alto prédio ornamentado com ouro, não te apequenas? Espanta-te diante do gesso meticulosamente esculpido pelo artista em cada pilastra, não te espantas? Assusta-te com meu olhar de misericórdia que mira o infinito em silêncio, não te assustas?

Tu que o tempo todo recordas a finitude das coisas e a escassez das pequenas posses. Que moras em um beco escuro e vês os filhos jogando bola no chorume. Que não aprendeste a ler, nem a escrever. Perdão por não descer deste púlpito imponente para te dar a mão.

Conheço os teus sacrifícios. Sei das madrugadas que levantas para tentar uma vaga para a criança na escola. Das madrugadas que passaste acordado vendo tua mãe agonizar no chão do

hospital em Guaianases, sem socorro do plantonista. Da britadeira que usas sobre o asfalto da Marginal e que fere os teus ouvidos e os dos outros operários.

Sei da tua infância na favela do Canindé e do que sentiste quando, para dar passagem à avenida, a casa da mãe foi demolida. É fácil a vida desmoronar e ninguém fazer nada. Quando a nossa casa desmorona, também desmorona um tanto daquilo que somos, que guardamos, sonhamos, sustentamos. E as pessoas lá fora continuam sem fazer nada.

### Avião de asa quebrada

Lembro as vezes em que cataste brinquedo entre o ferro-velho e fingias que o avião de asa quebrada era para cruzar a cidade inteira; o caminhão com pneus faltando, para trazer comida e distribuir na favela. Os super-heróis sem cabeça levariam os velhos ao posto de saúde, as crianças para tomar vacina.

Hoje não moras naquela antiga casa demolida, embora sonhes com as casas do Jardim América. Tu pensas "casas que devem ter tudo, além das árvores no jardim. Filhos de mãos dadas com os pais, comida na geladeira, homens acordando às oito, nove da manhã". Sei que tomas o ônibus às quatro para chegar à obra a tempo de bater o ponto. Acordas antes de o sol nascer e pegas o frio da lua e das estrelas morrendo.

Ouve-me, por favor. Eu imploro. Volta, como o médico pede ao paciente que não tem mais cura. Volta para a casa que tens agora, pois não vale a pena sofrer longe dos teus. Volta porque não tenho milagres para te conceder. Por isso, peço perdão, Zé.

Reúne teus trapos, teus velhos sapatos de borracha e teus sonhos humildes. Não terás mais do que isso.

Quem te vê aqui sem saber que esta bela roupa tomaste emprestada com o Robson nem imagina o quanto precisas de apoio. Quem te vê quebrando o asfalto para as obras na rua nem percebe que é o teu cotidiano que engarrafa e asfixia. Pelo amor de Deus, perdão. Pelo que a tua vida foi, é e sempre será.

Não tenhas mais este trabalho. Este trabalho de vir até aqui pedir com esperança. Carrega a minha imagem no bolso. Afixa a minha imagem nas paredes úmidas de concreto aparente da tua casa. Terás menos esforço. Mas não esperes o milagre. Não é que Deus ajude apenas os outros. É que milagres são para os predestinados. Perdão, Zé.

Por favor, não creias com tanta força. Esquece essa vontade para não te tornar esquizofrênico. Escuta-me, por favor. É para evitar as feridas, sossegar a alma. Peço-te com todas as forças. Infelizmente, não terás alívio, não terás menos peso, nem cura. Perdão, meu querido Zé, perdão.

água saúde  
 governança  
 previdência economia  
 envelhecimento adaptação  
 terceira idade  
 BRICS consumo  
 nova ordem  
 relatório  
 mudança mitigaçã  
 educação longo prazo  
 previsão petróleo  
 aquecimento  
 agenda geopolítica

# O mundo depois de **amanhã**

Ao cruzar três estudos conceituados, PÁGINA22 destaca cinco focos de atenção para este e os próximos anos

POR THAÍS HERRERO

**P**rever o futuro da humanidade não é tarefa simples, tampouco exata, mas identificar tendências é absolutamente possível. PÁGINA22 selecionou três estudos de instituições conceituadas, cruzou seus dados e destacou cinco assuntos quentes que constam nos três documentos.

Um dos relatórios escolhidos é o *Outlook on the Global Agenda 2014*, elaborado pelo Conselho da Agenda Global do Fórum Econômico Mundial em parceria com a Saïd Business School da Universidade de Oxford, no Reino Unido, e o *think tank* americano Pew Research Center. Foram ouvidos para o levantamento mais de 1.500 especialistas em negócios, de governos, universidades e sociedade civil de 112 países para saber quais eram os temas mais urgentes deste ano e seus impactos nos próximos.

A Universidade de Oxford também está ligada a outro relatório consultado. Sua Comissão Oxford Martin para Futuras Gerações produziu o *Now for the Long Term*, que destaca o atual momento pós-crise financeira de 2008 como hora de abandonar de vez o olhar de curto prazo. Por último, o *Trend Compendium 2030*, da consultoria Roland Berger Strategy, descreve sete megatendências que moldarão o mundo nos próximos 20 anos e como viveremos até lá.

As 303 páginas analisadas mostram claramente como todas essas questões são interdependentes e que a prosperidade no futuro depende da preocupação com o longo prazo – ideia que parece óbvia, mas que ações de setores públicos e privados nem sempre levam em consideração.

■ [Acesse os relatórios respectivamente em bit.ly/1cAba5x](http://bit.ly/1cAba5x); ■ [bit.ly/1gHA6eu](http://bit.ly/1gHA6eu) ■ [bit.ly/18w5cx8](http://bit.ly/18w5cx8)

emissões  
 global  
 renováveis  
 carbono  
 xisto  
 biocombustíveis  
 poluição  
 biodiversidade

## Um mundo mais **velho e urbano**

No início do século XX, havia na Terra 1,6 bilhão de pessoas. Pouco mais de 100 anos depois, em 2011, chegamos a 7 bilhões e, seguindo a projeção, em 2050 viveremos ao lado de outros 9 bilhões. Até lá, a população da terceira idade aumentará consideravelmente: uma em cada cinco pessoas terá 60 anos ou mais. E as cidades crescerão 7,8% mais do que nos últimos 20 anos.

Com taxas de fertilidade em queda e a expectativa de vida em alta, a média de idade da população tende a subir dos 29 anos atuais para 34 anos até 2030. Nos países desenvolvidos, a maioria da população estará acima dos 60 anos. E a cidade de São Paulo também deverá seguir essa tendência. Em janeiro, uma projeção da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) indicou que, em 20 anos, haverá mais idosos (20,1% da população) do que jovens (13,18%) na capital.

Esse cenário ocasionará uma pressão ainda mais alarmante que a existente hoje no sistema previdenciário, com o número de trabalhadores menor que o de aposentados. Os sistemas de saúde também sentirão um impacto com a maior incidência de doenças

A população dos países em desenvolvimento crescerá 7 vezes mais rapidamente que a dos desenvolvidos

ligadas ao envelhecimento, como as degenerativas.

A terceira idade será bem diferente no decorrer do século, aposta o *Trend Compendium 2030*. As pessoas terão melhor saúde e disposição física e os padrões de consumo serão outros. “Alguém aos 70 anos estará planejando a compra do próximo carro e outra de 60 estará pensando na compra da casa própria”, exemplifica o documento.

Já o relatório *Now for the Long Term* destaca a importância de lidar com essas mudanças que requerem “escolhas difíceis e põem à prova a capacidade governamental para fornecer cuidados básicos de assistência médica e outros serviços”. Esse desafio de governos e do setor privado aumenta quando é levado em conta o inchaço no número de moradores.

O movimento de urbanização, que hoje já é intenso, chegará a níveis ainda maiores: em 2030, 59% das pessoas estarão morando nas cidades (hoje são 50%) e, até lá, existirão 35 → **megacidades**. Atualmente registram-se 22. Muitos desses grandes centros urbanos estarão nos países emergentes, fenômeno explicado a seguir no tópico “Geopolítica”.

Se a cidade de Tóquio fosse considerada um país, em 2015 estaria na 31ª posição em número de habitantes

➔ Aglomeração urbana com mais de 10 milhões de habitantes e que, no geral, passou por rápido processo de urbanização

## Nova ordem **mundial**

Nas próximas décadas, haverá uma mudança significativa na geopolítica do mundo, em razão da ascensão econômica de países emergentes, principalmente dos Brics – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul –, que terão grande crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), da participação em exportações e uma classe média preponderante

Essas nações ganharão relevância no cenário mundial, com destaque para a China, que ultrapassará os Estados Unidos na posição de maior potência econômica.

Há outros países que chamam atenção em decorrência da economia promissora, os denominados “Próximos Onze”: Bangladesh, Egito, Indonésia, Irã, México, Nigéria, Paquistão, Filipinas, Coreia do Sul, Turquia e Vietnã. Segundo o banco de investimento Goldman Sachs, são nações com potencial para figurar entre as maiores economias do mundo, ao lado dos Brics.

Para o *Now for the Long Term*, essa nova ordem mundial trará desafios inéditos, principalmente em relação às instituições de go-

vernância global que “operam em regime de geopolítica do século XX”, quando Europa e Estados Unidos eram as principais potências econômicas. O futuro demanda uma participação proporcional dos emergentes, por exemplo, no Conselho de Segurança da ONU.

### CLASSE MÉDIA EM EXPANSÃO

Nos emergentes, a base da pirâmide socioeconômica se transformará em uma grande e potente → **classe média**. Projeções indicam que os Brics e os Próximos Onze dobrarão sua participação no consumo de bens e serviços.

De 2010 a 2030, os Brics verão sua classe média crescer em 150% e os Próximos Onze, em 120%. Na Índia, 850 milhões de cidadãos estarão nessa faixa socioeconômica (57% da população do país). E o maior percentual dentro de uma nação estará no Egito: em 20 anos, 83% dos egípcios pertencerão a essa classe. Já o aumento no Brasil deve ser mais sutil, de 47% de seus habitantes, como é hoje, para 58% (127

milhões de pessoas).

Nesse cenário, caberá às empresas suprir as necessidades desses novos consumidores e, também das classes mais baixas, que no cenário de prosperidade nacional, poderão emergir à classe média, destaca o *Outlook on the Global Agenda 2014*.

Um dos exemplos é a Unilever, que se tornou líder no mercado de xampu na zona rural indiana com um produto que funciona melhor com água fria e é vendido por preços mais acessíveis em pacotes pequenos.

O *Now for the Long Term* ressalta que essa nova classe socioeconômica pode ser o impulso que faltava para um crescimento global mais equilibrado. O consumo aumentará, mas também poderá haver mais investimentos em saúde, educação e energia renovável, com maior produtividade e as condições para um desenvolvimento sustentável.

Em 1990, Brasil, Rússia, China e Índia movimentavam juntos 5,8% das exportações mundiais e devem alcançar 23% em 2030. China e Índia se tornarão os fornecedores de bens e serviços dominantes. Essa nova configuração e distribuição das exportações levará a uma economia mundial mais integrada, com mais trocas de produtos e serviços, além de empresas com bases em diversas nações. Seremos um planeta ainda mais globalizado, apostam os pesquisadores

➔ Segundo a definição do Goldman Sachs, é composta pelos cidadãos com rendimento anual entre US\$ 6 mil e US\$ 30 mil

## Consumo aumentará, gerando **escassez**

O consumo de água, minerais e energia está aumentando de forma rápida e constante e não há otimismo quanto aos estoques de recursos do planeta. O relatório *Trend Compendium 2030* é enfático: recursos naturais serão escassos e caros no fim da década de 2020, o que requer soluções inteligentes e imediatas por parte dos governos e da iniciativa privada.

Até 2030, a demanda mundial por energia primária crescerá 26% e por água, 53%. Essa escassez impactará também a produção de alimentos, que consome um terço da → **energia primária** e 70% da água disponível globalmente. O aumento da produtividade e o fim do desperdício, portanto, devem ser priorizados.

O *Now for the Long Term* sugere que os setores público e privado compartilhem os conhecimentos que detêm sobre tecnologias, redução de desperdício, produção agrícola e eficiência energética.

No cenário previsto pelo *Trend Compendium 2030*, o petróleo deve permanecer como o principal recurso, mas haverá uma redistribuição entre as fontes na matriz energética. Hoje, 35% da energia mundial (primária) vêm do petróleo e 10%, das renováveis. Para 2030, o petróleo deverá ter participação um pouco menor, de 30%, enquanto as renováveis ampliarão sua fatia para 13%.

Biocombustíveis e gás de folhelho (*shale gas*, em inglês, erroneamente conhecido como gás de xisto) são vistos como possíveis saídas para atender ao aumento da demanda, mas ambos ainda enfrentam incertezas quanto à sua viabilidade.

O *Global Outlook Agenda 2014* aponta o gás de folhelho como um tema quente para este ano, com desdobramentos ao longo da década. Nobuo Tanaka, membro do Conselho da Agenda Global (que elaborou o estudo) na área de Segurança Energética, afirma que esse gás

➔ É aquela obtida de forma direta de sua fonte natural, como o petróleo, carvão, o sol e os ventos

“tem o potencial de desencadear uma revolução no cenário global de energia”, por estar disponível em várias regiões e acabar com a concentração da produção em poucos países, como acontece com o petróleo. Mas, antes disso, as tecnologias precisam ser aperfeiçoadas para uma exploração realmente segura.

O *Now for the Long Term* calcula que o caminho para a energia de matrizes renováveis, como o vento e o sol, demandará investimentos entre US\$ 48 bilhões e US\$ 80 bilhões por ano nas próximas duas décadas. Enquanto isso, hoje, os subsídios ao petróleo somam US\$

Dois em cada três países estarão sob estresse hídrico em 2025

1,9 trilhão ao ano em todo o mundo, segundo dados do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Os autores do relatório ainda criticam a falta de uma visão sistêmica dos formuladores de políticas públicas e de acadêmicos que “têm tratado água, energia e alimentos separadamente, com governança e pesquisas isoladas de forma inútil”. E completam dizendo que a ausência de uma coordenação entre políticas que impactem na energia, água, uso da terra, oceanos, serviços ecossistêmicos e biodiversidade é uma barreira à oferta segura desses recursos no futuro.

Demanda por energia e uso de combustíveis fósseis crescerão até 50% em 2030

CLIMA

## Aquecimento global, o tiro no pé

A falta de ações em relação à mudança climática está em quinto lugar na lista de dez tendências que devem ser olhadas de perto, segundo o *Outlook on the Global Agenda 2014*. E foi a mais apontada pela sua pesquisa de opinião como tema tratado com menos eficácia (27% dos respondentes a apontaram).

Segundo Christiana Figueres, secretária da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC, na sigla em inglês), que escreve no relatório, as medidas são urgentes. “Se não agirmos em tempo hábil e na escala que precisamos, o aquecimento global tem potencial para acabar com o progresso dos últimos 20 anos no desenvolvimento econômico e social e na proteção do meio ambiente”, alerta.

Com 2 graus a mais, até 30% das espécies de animais e plantas estariam em risco de extinção

Em janeiro, o Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC) divulgou mais informações sobre seu próximo e quinto relatório. Os 15 anos daqui em diante serão cruciais para evitar um desastre causado pelo aumento de temperaturas. Nesse período, são necessários grandes investimentos em reduções de emissões, em energias limpas (estimam-se US\$ 147 bilhões por ano) e em soluções tecnológicas para tirar o excesso de gás carbônico do planeta.

As concentrações de CO<sub>2</sub> na atmosfera hoje

são 40% maiores do que na era pré-industrial. Adiar a mitigação até 2030 aumentará os desafios e reduzirá as opções, alerta o sumário do documento.

O IPCC adverte ainda que as emissões anuais de carbono devem ser reduzidas entre 40% e 70% até 2050 para que a temperatura na Terra suba no máximo 2 graus – o que para a ONU seria o teto que poderíamos suportar com menos prejuízos à vida no planeta.

Dados do *Trend Compendium 2030* apontam, no entanto, que só as emissões vindas da queima de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás natural) aumentarão em até 16% anualmente.

No cenário mais otimista traçado pelo IPCC, a Terra ficará 1,7 grau mais quente até 2100. Mas, mesmo que reduzamos as emissões, os gases-estufa já estão em excesso na atmosfera e devem causar danos, como o aumento dos eventos extremos e no nível do mar.

Diante desse quadro, o *Now for the Long Term* propõe ações para a mitigação imediata. Uma delas seria o “intercâmbio e colaboração internacional”: incentivos de crédito e investimentos em infraestrutura de energia limpa para os países pobres e em desenvolvimento. A UNFCCC estima que, nos próximos 15 anos, esses países precisarão de até US\$ 67 bilhões para medidas de adaptação.

TECNOLOGIA

## Disseminação dos aparelhos e da internet

Ao andar em uma grande cidade, é só olhar ao redor para ver como celulares estão presentes. É bem provável que você veja muitas pessoas – se não a maioria – conversando, enviando mensagens ou navegando na web pelos aparelhos. A disseminação das tecnologias e da internet em todo o mundo é uma das tendências com números que impressionam. E elas revolucionam cada vez mais a forma como conduzimos nossas vidas e como as sociedades são regidas.

Em 2020, estima-se em 4 bilhões o número de usuários da web, conectados em 31 bilhões de dispositivos. O desempenho de tecnologias também crescerá. A velocidade média da banda larga partirá do 1 megabyte por segundo que temos hoje para mais de 100 megabytes por segundo em 2030.

Para os países pobres e em desenvolvimento, os ganhos como o acesso a aparelhos e à internet são essenciais para melhorar a situação econômica. Tanto que, segundo declaração do vice-secretário-geral da ONU, Jan Eliasson, em março de 2013, novas tecnologias da informação estão atingindo os países pobres mais rapidamente do que comida e banheiros.

Em 2030, serão trocados pela web 50 trilhões de gigabytes de dados

Leia mais em [bit.ly/KRmgbf](http://bit.ly/KRmgbf)

Um relatório da ONU indicou que hoje 6 bilhões de pessoas possuem celulares, enquanto apenas 4,5 bilhões têm acesso a instalações sanitárias adequadas.

O documento *Trend Compendium 2030* destaca que a propagação das tecnologias relaciona-se intimamente com a renda financeira. “À medida que a economia mundial cresce e os países ficam mais ricos, a difusão de tecnologias se acelera. Essa difusão, por sua vez, provoca aumento de produtividade de um país, resultando em crescimento econômico mais forte”, diz um dos trechos. Segundo o relatório, os celulares influenciam até mesmo o crescimento do PIB nacional, pois é por meio dele que um cidadão acessa mais pessoas, informações e ganha facilidade nas atividades financeiras.

O *Now for the Long Term* também sublinha que novas tecnologias oferecem potencial para aumentar as oportunidades de educação, melhorar drasticamente os resultados de saúde, promover a liberdade de expressão e da democracia.

Dos dez tópicos do *Outlook on the Global Agenda 2014*, dois estão ligados às tecnologias, mas de modo mais cético: a intensificação das ameaças cibernéticas, como roubo de dados, e a forma como informações erradas ou boatos se espalham rapidamente pela web.”

Hoje, 1% da população mundial acessa a internet apenas pelo celular. Em 20 anos, o índice saltará para 60%

Os outros são: aumento das tensões sociais no Oriente Médio e Norte da África; aumento da desigualdade de renda; persistência do desemprego estrutural; inação em relação ao aquecimento global; diminuição de confiança em políticas econômicas; falta de valores na liderança; expansão da classe média na Ásia; e aumento da importância das megacidades

futuro tendência tecnologia  
conexão 2030 web inovação  
internet desenvolvimento  
século XXI



## Duas economias, um só planeta

Supor que a tecnologia seja capaz de superar indefinidamente os limites ambientais é um grande ponto de divergência entre economistas neoclássicos e ecológicos.

Reconhecidas as lacunas da visão predominante, está na hora de ampliar o horizonte

**A**s contestações sobre até que ponto a economia pode crescer se intensificaram na década de 1970, com a publicação do relatório **Os Limites do Crescimento**, que previa um cenário de colapso para

Formulado, em 1972, pelo Massachusetts Institute of Technology sob encomenda do Clube de Roma

o século XXI, se fossem mantidos os padrões de produção e consumo.

Naquela época, a tecnologia ainda era vista como a principal responsável pelos problemas ambientais. Mas, ao fim

da década de 1980, uma mudança nessa percepção resgatou o progresso científico como uma alternativa para contornar os limites físicos e ambientais do planeta. Até que ponto, no entanto, podemos depositar nossas esperanças apenas nos avanços tecnológicos?

Essa questão é um divisor de águas entre as duas correntes em economia voltadas para questões do meio ambiente: a economia ambiental – alinhada ao *mainstream* neoclássico ou convencional – e a economia ecológica.

O sistema econômico abrange os processos de circulação de produtos, insumos e dinheiro entre empresas e indivíduos. Nesses processos são transacionados bens e serviços elaborados com fatores de produção, como capital, força de trabalho e recursos naturais.

A economia neoclássica sugere que tais trocas ocorrem ciclicamente, como um sistema autossuficiente. Se esse modelo traduzisse de forma fiel a realidade, a economia seria um “reciclador perfeito”, sem geração de resíduos ou efluentes e sem extração de matérias-primas para que o fluxo se mantenha constante.

Considerando-se que os recursos naturais são necessários aos processos produtivos, a possível escassez dessa fonte seria compensada pelo uso intensivo de qualquer um dos demais fatores



de produção: capital ou trabalho. Além disso, a falta de recursos forçaria a busca de alternativas que surgiriam com os avanços tecnológicos.

Essas alternativas seriam impulsionadas por uma estrutura regulatória, baseada em incentivos econômicos, aumentando a eficiência no uso dos recursos naturais.

Os mecanismos de mercado têm, nesse caso, o papel de evitar a falta de recursos, uma vez que o preço subiria em períodos de escassez, forçando a busca de alternativas por meio da tecnologia. Assim, tais mecanismos forçariam os agentes econômicos a internalizar os impactos ambientais da sua atividade.

Mesmo com auxílio dos mecanismos de mercado, a preocupação neoclássica em manter crescentes os níveis de produção pertence a uma perspectiva de curto prazo, pois desconsidera os limites físicos do planeta e os impactos futuros para a sociedade. Os horizontes mais distantes vislumbrados pela economia *mainstream* não passam de 50 anos.

Reconhecer que há limites naturais intransponíveis e que as externalidades desses processos virão em algum momento, como fazem os economistas eco-

lógicos, é incluir a variável do longo prazo nas projeções econômicas para buscar o equilíbrio entre consumo e recursos disponíveis. Portanto, o entendimento de que um crescimento ilimitado não se sustenta a longo prazo é a primeira divergência entre neoclássicos e ecológicos.

A segunda diferença é que a economia ecológica entende que o sistema econômico é um subsistema de outro bem maior, o planeta, que é finito. Já os neoclássicos veem a natureza como um setor ou subsistema da economia.

A tecnologia, peça-chave da teoria neoclássica na superação dos limites físicos, também é valorizada pela corrente ecológica. O processo científico pode aumentar significativamente a eficiência na utilização dos recursos naturais. Mas esse ganho representa apenas uma sobrevivência à atividade econômica.

Além disso, a economia ecológica também acredita em uma estrutura regulatória capaz de aumentar os níveis de eficiência. Mas, novamente, trata-se apenas de uma melhora incremental e temporária. Por isso, assumir que o progresso científico não é suficiente para superar os limites físicos do planeta é a terceira principal divergência entre as duas correntes econômicas.

Um grupo de estudantes da Universidade de Manchester, no Reino Unido, redigiu um manifesto contra o monopólio da teoria neoclássica dentro dos cursos de economia. Grupos semelhantes têm sido criados em outras universidades, pois escolas de pensamento como o marxista, o evolucionista, o da economia pós-keynesiana e até mesmo o da economia ecológica são simplesmente ignoradas e consideradas inferiores ao *mainstream* convencional.

Reconhecidas as lacunas da visão predominante, é hora de ampliar o horizonte e buscar explicações em outras teorias econômicas.



## Laboratórios em tamanho natural

Saiba por que Marajó e Xingó podem se transformar em projetos reais e inovadores, com lições de desenvolvimento para o País e outras regiões do mundo

**C**omeçamos pelo óbvio: o Brasil é um país de tamanho continental megadiverso em termos de potencial de recursos renováveis dos trópicos úmido e semiárido, dotado ainda de uma grande variedade de recursos minerais. É por isso que convém envidar esforços para ali se criar laboratórios em tamanho natural de desenvolvimento socialmente incluyente e ambientalmente sustentável, mais bem adaptados às suas diferentes mesorregiões naturais.

Esses laboratórios deverão cooperar, por sua vez, com projetos situados em outras mesorregiões semelhantes da América Latina, da África e da Ásia, cabendo às Nações Unidas a articulação entre os projetos, com vistas a um programa mundial de desenvolvimento socialmente incluyente e ambientalmente sustentável.

A meta comum a todos esses projetos deve ser a geração do maior número de empregos e autoempregos, garantindo uma renda razoável em dinheiro, complementada pela produção de bens destinados ao autoconsumo, contribuindo assim para a luta contra a pobreza.

Devemos nos esforçar por assegurar a perenidade dos autoempregos e empregos criados, sem esquecer a conveniência de promover o progresso técnico contínuo, sem o qual os rendimentos do trabalho não poderão aumentar.

### POR QUE MARAJÓ?

Várias razões militam para transformar o arquipélago do Marajó num importante laboratório em tamanho natural do desenvolvimento incluyente e sustentável do trópico úmido. Com cerca de 42 mil quilômetros quadrados, é a maior ilha costeira flúviomárítima do mundo, cercada de 2.500 ilhas e ilhotas, com possibilidade ímpar de transformar algumas em laboratórios em escala real de modelos de desenvolvimento distintos.

A criação de projetos com características parcialmente divergentes permiti-



ria comparar e testar a eficiência econômica e o impacto social e ambiental dos modelos propostos em um ambicioso programa inovador de alternativas de desenvolvimento para o trópico úmido.

Trata-se de uma rara oportunidade, para o cientista social, de avançar no estudo comparativo de alternativas do desenvolvimento em condições que se assemelham às de experiências realizadas em laboratórios científicos.

Tanto mais que, no que diz respeito ao aproveitamento dos recursos do trópico úmido, dispomos de um ponto de partida no *Programa de Desenvolvimento Sustentável do Marajó* (Rio de Janeiro, maio de 2013), elaborado pelo Instituto Pro-Natura e o Instituto Peabiru, para o município de Currálinho. O projeto visa *inter alia* a implantação de uma fábrica-modelo-escola de processamento de açaí. Mas uma andorinha não faz verão, e o açaí, por si só, não pode sustentar o desenvolvimento da economia marajoara.

### XINGÓ, PILOTO PARA O SEMIÁRIDO

Por sua vez, a mesorregião de Xingó, onde convergem quatro estados do Nor-

deste brasileiro (Alagoas, Sergipe, Bahia e Pernambuco) e vários Territórios da Cidadania, presta-se a servir como laboratório de estratégias de desenvolvimento incluyente e sustentável do Nordeste semiárido, que conta, no entanto, com acesso a recursos hídricos significativos na Bacia do Rio São Francisco. Trata-se de combinar a piscicultura intensiva com a horticultura e a fruticultura, sempre privilegiando pequenos produtores, de preferência associados em cooperativas.

Lembremos que o nosso objetivo final deve ser a promoção de modelos de desenvolvimento que aproveitem ao máximo a experiência chinesa na implantação de sistemas de açudes e diques, promovendo a criação intensiva de peixes herbívoros, alimentados com as sobras de vegetais provenientes das hortas e dos pomares nos diques e ao redor deles. O sistema pode ser enriquecido criando-se patos, que vão catar os insetos que atacam as hortas, e até porcos em plataformas instaladas sobre o açude.

Nesse contexto, convém explorar a possibilidade de instalar em Xingó e Marajó, em colaboração com as universidades nordestinas, o CNPq, a Embrapa, centros de pesquisas sobre sistemas intensivos de hortipiscicultura, complementados por programas de treinamento para os pequenos produtores, com especial destaque para os assentados da reforma agrária.

Marajó e Xingó têm condições para se transformar em projetos realmente inovadores, portadores de lições suscetíveis de serem aplicadas não só no Brasil, mas igualmente em outros rincões. Oxalá as Nações Unidas e o governo brasileiro juntem esforços para que esses projetos sejam rapidamente postos em prática.

Ver Kenneth Ruddle, Gongfu Zhong, *Integrated Agriculture-Aquaculture in South China: The Dike-Pond System of the Zhujiang Delta* (Cambridge: Cambridge Univ Pr, 1988) e também A.J. van der Zijpp, *Fishponds in Farming Systems* (Wageningen: Wageningen Academic Pub, 2007).



## A agenda de temas quentes no Brasil em 2014 vai além da Copa e das eleições

POR CAROL NUNES

**D**ois mil e quatorze não é um ano comum. A Copa do Mundo da Fifa e as eleições já roubam a cena e as atenções da sociedade civil, do governo e do setor privado. A agenda da sustentabilidade, por sua vez, tem de lutar arduamente para manter o espaço já conquistado no debate público.

José Luciano Penido, presidente do conselho de administração da Fibria Celulose, resume bem os temas que resistirão na pauta destes 12 meses. “Há três desafios estruturais para o País: a implementação do Código Florestal, o investimento em energias renováveis e o investimento em infraestrutura”.

Ao mesmo tempo, a Copa abre uma janela de oportunidades para as agendas de direitos humanos e de desenvolvimento colocarem suas reivindicações na mesa, como o direito à moradia digna e o fim da violência institucional, como a praticada em presídios e serviços públicos. Já na agenda ambiental, o ano eleitoral pede esforços para evitar que as negociatas políticas apertem o gatilho de retrocessos como o desmantelamento dos processos de licenciamento e demarcação de Terras Indígenas.

PÁGINA22 pediu a opinião de porta-vozes de várias áreas sobre as expectativas para 2014 na agenda de sustentabilidade, depoimentos estes colhidos entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014. Buscamos uma seara diversa de fontes, algumas até divergentes entre si.

No cerne das preocupações, aparece a matriz energética brasileira, citada por grande parte dos entrevistados. A insegurança em torno da capacidade de fornecimento, assim como a ampliação do uso de combustíveis fósseis – grandes emissores de gases de efeito estufa –, já está dando o que falar.



1 PABLO ORTELLADO 2 AFONSO GARCIA REIS 3 SERGIO HADDAD 4 MARCOS DE SOUSA 5 ROGÉRIO BOUERI 6 LUIZ PINGUELLI ROSA 7 ROBERTO RODRIGUES 8 ANDRÉ LIMA



9 JOSÉ LUCIANO PENIDO 10 SILVIA DIAS 11 GINA RIZPAH BESEN 12 MARIO MANTOVANI

**1 ATIVISMO E MANIFESTAÇÕES** PABLO ORTELLADO, PROFESSOR DA USP

## A Copa do Mundo no centro dos protestos

“Teremos muitas manifestações este ano, principalmente em torno da Copa do Mundo. A organização da Copa levou o governo a fazer remoções, limitar direitos civis e elitizar os estádios de futebol. Embora os custos sociais e políticos sejam certos, os benefícios esperados na forma de mais turismo e uma melhor imagem no exterior são incertos. Ativistas e movimentos

sociais devem protestar contra essas medidas e não terão como reivindicar, visto que elas já foram consumadas. Assim, só caberá aos governos uma postura repressiva, apoiada na Lei Geral da Copa, que limita os direitos civis. A realização da reunião dos Brics (*bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul*) e as eleições podem contaminar as pautas das reivindicações.”

**2 COPA DO MUNDO**

AFONSO CELSO GARCIA REIS, O AFONSO, MÉDICO, EX-JOGADOR DE FUTEBOL E COLUNISTA DA REVISTA CARTACAPITAL

## O esporte pede reestruturação

“A poucos meses da Copa, a sensação que fica é de ‘esculhambação’. Se houvesse uma melhor capacidade de organização, o legado seria a prioridade, como os benefícios sociais, o ganho para as cidades e o desenvolvimento da organização do esporte.

Existe um lado positivo de estarmos discutindo bastante a Copa – depois dela, temos a possibilidade de avaliar o que ficou de bom e de ruim, e levar a lição para as Olimpíadas. Mas, em geral, o balanço não é bom.

Vejo pouco esforço e sensibilidade da CBF (*Confederação Brasileira de Futebol*) para melhorar as suas relações com os clubes e os jogadores de futebol. Na CBF e em muitas federações de outros esportes, a organização é medieval, com hierarquia rígida e transmissão hereditária de cargos. É uma situação que não pode sustentar-se por muito tempo.

Por outro lado, os meios de comunicação, cada vez mais ágeis, são o grande trunfo para a população que deseja ver transformações. Os cuidados com a segurança e a preparação para que a Copa aconteça vão ser intensos, mas os brasileiros estão se organizando por meio de novas formas que não podem ser detidas pelo Estado nem pelo poder estabelecido.”

**3 DIREITOS HUMANOS**

SERGIO HADDAD – DIRETOR-PRESIDENTE DO FUNDO BRASIL DE DIREITOS HUMANOS

## Violações serão mais visíveis

“A Copa e as grandes obras de infraestrutura serão os espaços onde mais se visibilizarão violações de direitos, principalmente devido às significativas alterações e deslocamentos de grupos humanos. Há muitos movimentos se organizando para monitorar as ações dessas grandes obras, como a Hidrelétrica de Belo Monte. Os comitês populares da Copa, por exemplo, estão nos 12 estados que vão sediar os jogos. Já as campanhas eleitorais são os espaços de denúncia das violações e de evidência das conquistas de direitos, como a distribuição de renda.

Também os direitos das mulheres e dos homossexuais terão destaque, porque a bancada evangélica deve usar a estratégia de contestá-los para angariar o eleitorado conservador. Mas espero que não haja um retrocesso dos direitos conquistados, o que já se vislumbra na agenda atual.

A violência institucional é outra questão muito candente, diante das violações em presídios e em serviços públicos. Estamos vivendo um período mais favorável para o debate sério, não demagógico, o que ajuda a promover os direitos humanos no País.”

**4 MOBILIDADE URBANA**

MARCOS DE SOUSA – EDITOR DO PORTAL MOBILIZE BRASIL

## Menos carros na cidade

“Janeiro de 2015 é a data-limite para que as cidades brasileiras concluam seus planos de mobilidade, conforme preconiza a nova Lei de Mobilidade Urbana (nº 12.587/2012). É claro que alguns prefeitos farão um plano apenas para “cumprir tabela” e guardá-lo na gaveta, mas a memória das manifestações de junho passado ainda está muito quente e, provavelmente, teremos uma nova onda de protestos em 2014. Isso pode fazer a diferença e tirar alguns planos do papel.

Vale lembrar que, dos R\$ 50 bilhões anunciados em 2013 pela presidente Dilma Rousseff para projetos de mobilidade, ainda restam cerca de R\$ 40 bilhões nos cofres federais. Basta elaborar projetos – de verdade –, pegar o dinheiro e realizar as obras, de calçadas a sistemas de metrô.

O País precisa afastar o carro do meio urbano e investir fortemente em sistemas de transportes limpos e confortáveis, além de estimular o uso de bicicletas e o simples caminhar.”

**5 ENERGIA**

LUIZ PINGUELLI ROSA, DIRETOR DA COPPE-UF RJ

## A falta de planejamento rebaterá no futuro

“A situação no momento é vantajosa para o governo, porque a principal matriz energética brasileira é renovável. Mas há dois pontos fracos: o aumento do uso de usinas térmicas para a complementação das hidrelétricas quando não há vazão de água suficiente e a queda na participação do etanol em comparação com a gasolina.

É preciso resolver essas duas questões, aumentar a utilização da hidreletricidade, da eólica e de outras renováveis. A solar, por exemplo, é pouco explorada e o lixo urbano poderia ser usado na geração elétrica. O desmatamento deixou de ser o principal responsável pelas emissões de gases de efeito estufa. Somadas, as emissões da energia e da agricultura já superam a do desmatamento. Até 2020, o Brasil cumprirá com folga seus compromissos para redução de emissões. Mas precisa preparar uma política para depois dessa data.

Já durante as eleições, é possível que o governo seja bastante cobrado pelos problemas de distribuição de energia elétrica em várias cidades do País.”

**DESIGUALDADE REGIONAL**

ROGÉRIO BOUERI, DIRETOR DE ESTUDOS E POLÍTICAS REGIONAIS, URBANAS E AMBIENTAIS DO INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA)

## Diferença cai, mas continua inaceitável

“É possível detectar uma diminuição da desigualdade regional nas últimas duas décadas, embora ela ainda não esteja em um patamar aceitável. Há muito que avançar, porque as variações de PIB *per capita* ainda são muito elevadas – entre Piauí e São Paulo, por exemplo, a diferença chega a sete vezes.

O Fundo de Desenvolvimento Regional, que está atrelado à reforma tributária, parada no Congresso Nacional, poderia dar um novo ânimo à política regional. A reforma traria uma série de benefícios para o desenvolvimento dos estados, por exemplo, ao mudar a sistemática de cobrança do ICMS da origem para o destino. Isso favoreceria os estados consumidores, geralmente mais pobres.

A desigualdade regional também entra no debate eleitoral de forma indireta. O eleitor tem uma série de razões para votar, mas a econômica é muito forte. Se as condições econômicas em regiões mais pobres melhoram, as desigualdades regionais diminuem e seus moradores provavelmente tendem a votar em favor do governo.”

Segundo o Sistema de Estimativa de Emissões de Gases de Efeito Estufa ([seeg.observatoriodoclima.eco.br](http://seeg.observatoriodoclima.eco.br)), em 2012 as emissões causadas pelo desmatamento chegaram a 476 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> equivalente, ante 440 milhões da agropecuária e 436 milhões da produção de energia. Em 2006, o desmatamento foi responsável pela emissão de mais de 1,2 bilhão de toneladas, enquanto os outros dois setores chegaram a pouco mais de 750 milhões.

PABLO ORTELLADO - INSTITUTO INICIATIVA CULTURAL; AFONSO GARCIA REIS - ADRIANA LORETE/CARTACAPITAL; SERGIO HADDAD - OTAVIO VALLE/AGEFERO FUNDO BRASIL DE DIREITOS HUMANOS; MARCOS DE SOUSA - ACERVO PESSOAL; ROGÉRIO BOUERI - JOÃO VIANAPFEA; LUIZ PINGUELLI - DIVULGAÇÃO COPPE/UF RJ; ROBERTO RODRIGUES - DIVULGAÇÃO GIVAGRO; ANDRÉ LIMA - DIVULGAÇÃO IPAM; JOSÉ LUCIANO PENIDO - DIVULGAÇÃO IPAM; GINA RIZPAH BESEN - MARCELO TRAD/ARQUIVO SOS.MAT.LANTANICA; MARIO MANTOVANI - FUNDACÃO PREFEITO FÁBIO LIMA/CEPAM

**AGRICULTURA**

ROBERTO RODRIGUES, EX-MINISTRO DA AGRICULTURA E DIRETOR DO CENTRO DE AGRONEGÓCIO DA FGV

**Tecnologia avança; burocracia, não**

“Tudo indica que a tecnologia agropecuária brasileira seguirá melhorando a produtividade por hectare nas principais atividades, reduzindo a demanda por novas áreas e melhorando nossa sustentabilidade, com reflexos positivos na competitividade. Essa é a orientação das instituições de pesquisa e extensão rural e é também o desejo dos produtores rurais em geral.

📌 **Sigla para Cadastro Ambiental Rural, instrumento estipulado pelo novo Código Florestal. O CAR é uma base de dados que reúne informações ambientais das propriedades rurais, e servirá, entre outras aplicações, para o controle e monitoramento do desmatamento**

O Estado tem contribuído para esse avanço. A legislação sobre biossegurança é rigorosa, o novo Código Florestal é estimulante (com o → CAR), o programa Agricultura de Baixo Carbono é importante e a legislação sobre orgânicos é moderna. Mas há nuvens negras no horizonte: a liberação de novas moléculas de defensivos agrícolas é burocratizada, demora muito, retardando a entrada no mercado de produtos menos agressivos ao meio ambiente. Por outro lado, a intensificação da agricultura leva ao aumento das pulverizações, devido ao surgimento de pragas ou doenças que demandam novas moléculas. Isso não é sustentável, nem econômica nem ambientalmente.

Alguns problemas sociais pendentes preocupam, como o caso das Terras Indígenas: se a Constituição de 1988 fosse seguida, não haveria complicação. Nela está claro que “terra indígena” é aquela ocupada por índios no dia da sua promulgação.

Em resumo, na tecnologia, seguimos avançando na sustentabilidade, já na burocracia, nem tanto.”

**TRIBUTAÇÃO VERDE**

ANDRÉ LIMA, ASSESSOR DE POLÍTICAS PÚBLICAS DO INSTITUTO DE PESQUISA AMBIENTAL DA AMAZÔNIA (IPAM)

**Não há debate sério sem revisão tributária**

“O grande avanço poderá ser a plataforma com diretrizes para uma Política Tributária Sustentável, que estamos trabalhando pelo Ipam em parceria com o Instituto Ethos, no âmbito do grupo de trabalho que criamos na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado. Faremos um grande esforço para que o tema entre no debate eleitoral, pois não é aceitável uma discussão séria sobre economia e sustentabilidade sem que o sistema tributário seja debatido e revisto. Um governante que diz defender a sustentabilidade, mas continua concedendo incentivos para queima de combustíveis fósseis, pecuária de baixa produtividade e matriz energética suja, não pode ser levado a sério.”

**SETOR PRODUTIVO**

JOSÉ LUCIANO PENIDO, PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA FIBRIA CELULOSE

**Gargalos ambientais influenciam setor**

“Em termos econômicos, há três desafios estruturais para o País: a implementação do Código Florestal, o investimento em energias renováveis e o investimento em infraestrutura. O Código foi discutido por mais de dez anos e é importantíssimo que seja implementado para que o Brasil gerencie de forma transparente seu patrimônio ambiental. A indústria de base florestal e o *agribusiness* precisam dar o exemplo e liderar a iniciativa do Cadastro Ambiental Rural (CAR).

O segundo ponto é o governo federal repensar a exagerada ênfase de investimentos no pré-sal. Os subsídios deveriam ser reduzidos e direcionados para energias limpas e sustentáveis. O último gargalo é a deficiência de infraestrutura e de mobilidade. A indústria brasileira tem sua competitividade reduzida pela falta de estradas, portos e aeroportos, que atingiram um limite insuportável.

Mas essas soluções dependem de o *business* brasileiro e o internacional unirem-se para fazer parte delas. O Conselho Mundial Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável lançou o programa → **Vision 2050 – Action 2020**, que conchama os empresários a tomar iniciativas mandatórias. Uma das ideias adequa-se muito ao Brasil – usar florestas como estratégia de sequestro de carbono.”

**Iniciativa que estabelece uma agenda de ações para as empresas, a fim de que contribuam para o desenvolvimento sustentável e a resiliência do próprio negócio. Mais em [wbcsd.org/action2020.aspx](http://wbcsd.org/action2020.aspx)**

**MUDANÇA CLIMÁTICA**

SILVIA DIAS, MEMBRO DO CONSELHO DELIBERATIVO DO INSTITUTO VITAE CIVILIS

**Desarticulação atrapalha políticas efetivas**

“O Brasil vem cumprindo seus compromissos de redução de emissões de gases de efeito estufa e tende a continuar ‘bem na foto’ durante um bom tempo. Isso porque, em comparação com outros países, temos um nível muito mais baixo de emissões por conta da matriz energética.

Por outro lado, nos últimos três anos houve um crescimento absurdo do uso de termelétricas e um alto investimento na exploração do petróleo do pré-sal. Enquanto países como China e Japão debatem e investem em energias renováveis e tecnologia, aqui investimos pesadamente em fontes sujas.

O principal desafio do Brasil diante da mudança climática é fazer a lição de casa. Se, por um lado, nossos negociadores (*participantes que negociam acordos*

*nas conferências do clima*) ajudam a minimizar conflitos entre blocos de países desenvolvidos e em desenvolvimento, por outro, falta prioridade política e sobra desarticulação entre os Três Poderes para formular e executar as políticas públicas.

Em 2014, a sociedade precisa incluir de maneira incisiva as questões climáticas no debate presidencial, ainda que as demandas não apareçam sob a expressão “mudança climática”, e sim por meio de exigências mais palpáveis, como transporte público de qualidade ou ações de combate aos efeitos da seca no Nordeste. Se houver comprometimento do candidato que for eleito, há mais perspectiva de coerência interna de 2015 em diante. Com maior articulação, mais os negociadores podem avançar nas conferências.”

**RESÍDUOS SÓLIDOS**

GINA RIZPAH BESEN, PESQUISADORA DA FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA DA USP

**Fim de prazos, início de mudanças?**

“Em agosto de 2014 vencem os prazos legais que determinam a erradicação de lixões do País e a disposição final de rejeitos apenas em aterros. Para os lixões pode haver prorrogação do prazo ou assinatura de Termos de Ajustamento de Conduta entre municípios e o Ministério Público. As propostas de acordos setoriais da logística reversa de embalagens e de eletroeletrônicos não atendem à meta da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS).

No entanto, 2014, com Copa do Mundo e eleições, os embates entre os setores público e privado perdem força, podendo ser um ano de acomodações e sem protagonismos. Os municípios, porém, têm papel fundamental na elaboração dos planos locais (*de gestão de resíduos sólidos*) e na implantação e ampliação da coleta seletiva para atingir as metas da PNRS.”

**POLÍTICA AMBIENTAL**

MARIO MANTOVANI, DIRETOR DE POLÍTICAS PÚBLICAS DA FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA

**Movimentos para combater retrocessos**

“Retrocesso tem sido a palavra dos últimos anos e temos de evitar que esse quadro se agrave. As perspectivas são negativas, afinal, 2013 não era ano eleitoral e fez-se acordo com o que há de mais atrasado no País para garantir a tal ‘governabilidade’. Neste ano de eleições, a tendência é piorar.

Com a sociedade civil, vamos tentar fazer uma plataforma ambiental para os candidatos que contenha os principais temas da sustentabilidade e cobrar a inclusão dessa agenda. Há vários desafios: a PEC 215, as Unidades de Conservação e as Terras Indígenas, o Código de Mineração e o desmonte no processo de licenciamento. Esse último é tão grave quanto a questão fundiária, pois se trata do único instrumento que garante transparência e participação para o controle social.

O governo atual tem dado sinais de múltipla falência na área ambiental, no sistema fundiário e na própria reforma agrária, promovendo um retrocesso inacreditável. Embora pessimista com o governo, estou otimista porque a sociedade civil é capaz de agir. Acredito que os movimentos vão se organizar, agora que há um senso crítico maior.”

# Otimistas e malcuidados

Pesquisas mostram que o brasileiro se ressentem com políticos, serviços públicos e instituições, mas crê no futuro e está de bem com a família e os amigos. Edital recém-lançado pela Fapesp quer mapear o bem-estar no País

POR KARINA NINNI



A felicidade parece estar na moda. Há uma imensa disposição de universidades, institutos de pesquisa, ONGs e afins em tentar aferir, de alguma maneira, o quão satisfeito está o brasileiro com sua cidade, seu trabalho, seus relacionamentos, com sua vida de maneira geral. A começar pelo paulistano: no espaço de uma semana (entre 14 e 21 de janeiro deste ano) foram divulgadas duas pesquisas sobre bem-estar na cidade de São Paulo.

Tanto a primeira edição do **→ Índice de Bem-Estar Brasil**, medida em São Paulo, quanto a quinta edição da pesquisa **→ Irbem** (Indicadores de Referência de Bem-Estar no Município) apontam, *grosso modo*, as mesmas coisas: o paulistano está satisfeito com sua família, suas redes de relacionamento, seu trabalho e até mesmo com o exercício de sua espiritualidade (medido em apenas um dos levantamentos). Mas está profundamente frustrado com o poder público, os políticos e os serviços básicos, como educação, saúde, transporte e segurança.

Ou seja, ambas destacam que o cidadão está feliz com a parcela de sua vida que diz respeito aos seus atos e aos daqueles com quem ele se relaciona diretamente, mas esse bem-estar não se estende à parcela de sua vida sob a tutela do Estado e das decisões políticas em geral.

Os dados crus não provocam surpresa, propriamente. Qualquer um que utilize ônibus em São Paulo, por exemplo, poderá dizer, pelas expressões dos que esperam e dos que têm de embarcar em veículos atolados de gente, que

transporte não é um “ponto forte” da maior cidade da América do Sul. Nem precisamos ficar em São Paulo: qualquer um que use o Sistema Único de Saúde (SUS) Brasil afora também sabe do que estamos falando.

A surpresa se dá quando se percebe que, a despeito de todas as mazelas, ainda há lugar para a felicidade. O WBB identificou, por exemplo, que, entre aqueles que se disseram totalmente satisfeitos com a vida, 3% eram da classe A e 62% estavam nas classes C, D e E.

A pesquisa ouviu 786 pessoas em São Paulo, e a ideia é expandir o projeto a outras capitais brasileiras. No processo foi levada em conta a distribuição por idade, sexo e nível socioeconômico e, a partir desses percentuais, foram elaboradas cotas para que a amostra refletisse a população da cidade. Dos entrevistados, 29,5% declararam ter muita satisfação com sua vida atualmente, e 56,2% alegaram extrema satisfação com sua expectativa de vida no futuro.

Já o Irbem chegou a um índice de bem-estar de 4,8 – abaixo da média estabelecida, que é de 5,5 na escala de 1 a 10 em que a pesquisa mede o nível de satisfação do paulistano – em que 10 significa satisfação total com determinado aspecto, e 1 representa total insatisfação. Nesta edição da pesquisa foram entrevistadas 1.512 pessoas, que responderam sobre seu nível de satisfação com 169 aspectos da cidade. Depois, os resultados foram ponderados, a fim de restabelecer a proporção de moradores de cada região do município.

Segundo o Irbem 2013, caiu o número de paulistanos que acreditam que a qualidade

de vida na cidade melhorou (passando de 44% para 38%). Mas a pesquisa detectou, por exemplo, que a vida profissional e espiritual do paulistano vai bem.

O que nos leva a uma pergunta óbvia: além do contexto no qual se desenrolam nossas vidas, o que mais pode determinar nosso bem-estar, nossa satisfação, em suma, nossa felicidade? Sob o prisma da vida social podemos até dizer de antemão o que nos tranquiliza e o que nos tira o sono, mas, à parte a satisfação das necessidades comuns a todos, aquelas próprias da natureza humana (comer, beber, dormir, relacionar-se), haveria alguma maneira de aferir satisfação no nível do que é peculiar a cada um de nós?

A dificuldade está no conjunto de variáveis que influenciam a satisfação de um ser humano. Esse bem-estar “funcional”, que conseguimos medir com as ferramentas das pesquisas, *surveys* e estudos populacionais, certamente entra na contabilidade geral da satisfação de um indivíduo com um bom peso, mas evidentemente não se pode resumir bem-estar ao contentamento com as instituições públicas ou com a limpeza das ruas, por exemplo.

## INFLUÊNCIA NOS GENES

Tampouco podemos dizer que o bem-estar independe do contexto e do meio, ou que seja geneticamente determinado. Alfredo Pereira Júnior, professor da pós-graduação em Filosofia na Unesp e pós-doutor em Ciências do Cérebro e da Cognição pelo Massachusetts Institute of Technology, explica que já se descobriu que a

atividade exercida por uma pessoa, bem como seu modo de vida, influenciam a configuração dos genes que estão sendo ativados.

Segundo ele, está provado, por exemplo, que o estresse é um grande vilão. O aspecto emocional relacionado ao trabalho pode estar provocando danos à população urbana jovem, tais como a **→ síndrome do pânico**. “O estresse pode estar desativando um gene que cumpre um bom papel. Ou aumentando demais a capacidade de outro determinado gene, o que também não é bom. Sabemos que os tumores são caracterizados pela reprodução celular que não cessa”, explica.

Quer dizer: estamos diante de evidências que apontam como o bem-estar influi na saúde física. Por essas e outras é que as mais recentes pesquisas sobre bem-estar e comportamento humano vão muito além da mensuração dos quesitos que delimitam a atuação do homem como ser social. Incluem também ferramentas da chamada **→ Psicologia Positiva**, da Neurociência e de outros ramos do conhecimento.

Há hoje um entendimento de que possíveis respostas àquela pergunta de *jingle* de supermercado (o que faz você feliz?) estão justamente nesse limiar entre o meio e o indivíduo, entre o peso da cultura e a capacidade que ela tem de influenciar um indivíduo a ponto de provocar variações que possam ser passadas adiante por mais de uma geração.

O tema é polêmico. Em meados dos anos 2000, o pesquisador gaúcho Renato Zamora Flores tentou entender por que algumas crianças, quando submetidas a violência pelos

➤ **WBB**, na sigla em inglês, uma iniciativa da Eaes-FGV em parceria com o My Fun City, rede social privada criada para discutir interesses públicos no Brasil, originada do Movimento Mais Feliz. A plataforma foi eleita um dos cinco melhores aplicativos móveis do mundo em 2013 na categoria “m-government & participation”, durante o World Summit Award Mobile idealizado pela ONU

➤ Realizado pela Rede Nossa São Paulo em parceria com o Ibope, o Irbem pesquisa a satisfação com a cidade de São Paulo desde 2009

➤ A classificação diagnóstica oficial de síndrome do pânico deu-se em 1980, com a publicação do *Diagnostic and Statistical of Mental Disorders, 3rd Edition*. Segundo a DSM, a síndrome do pânico pertence à classe dos transtornos de ansiedade, juntamente com as fobias, o estresse pós-traumático, o transtorno obsessivo-compulsivo e o distúrbio de ansiedade generalizada

➤ O conceito surgiu no fim dos anos 1990 com o psicólogo Martin Seligman. Ele e uma equipe começaram a realizar pesquisas quantitativas para tentar operar uma mudança no foco das abordagens até então utilizadas, cuja ênfase estava no sofrimento, no infortúnio, nas patologias e nos transtornos

pais, também se tornam violentas, enquanto outras não. Doutor em genética e biologia molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), propunha examinar a história familiar e o cérebro de 50 jovens homicidas internados na Fundação de Atendimento Socioeducativo do Estado do Rio Grande do Sul (Fase) – ex-Febem gaúcha.

Zamora Flores estava interessado em avaliar se os meninos tinham algum polimorfismo – variação genética – que já havia sido associado a comportamento violento em outros estudos. A pesquisa causou furor. Um grupo de mais de cem pessoas, entre psicólogos, advogados, antropólogos e educadores, tentou impedir a realização do projeto, alegando que a pesquisa tinha motivação eugenista.

Polêmicas à parte, o interesse pelo assunto não parece ter diminuído. Aqui e ali pipocam publicações tentando dar conta dessa interface entre indivíduo e meio. No artigo intitulado *Some Key Differences Between a Happy Life and a Meaningful Life* (tradução livre: *Algumas diferenças-chave entre uma vida feliz e uma vida que tenha significado*), publicado no *Journal of Positive Psychology* (2012) por Roy F. Baumeister e colegas, há pistas sobre o peso da cultura na felicidade do ser humano.

Os autores afirmam que todas as criaturas vivas têm necessidades biológicas, que consistem em coisas que elas devem obter do seu ambiente para sobreviver e se reproduzir. O que acontece com as criaturas dotadas de cérebros e sistemas nervosos centrais é que essas motivações básicas as impelem a prosseguir e a desfrutar os aparatos necessários à sobrevivência. A satisfação dessas necessidades geralmente produz estados de sentimento positivo. A felicidade estaria conectada a essa satisfação mais “básica”, mais “natural”.

Já o anseio por uma vida que tenha “significado”, dizem os autores, é algo cultural. Todas as culturas conhecidas usam a linguagem, que permite a comunicação de significados. Há um grande conjunto de conceitos subjacentes à linguagem e tais conceitos são transmitidos de geração em geração, no âmbito de redes e grupos. Assim, a avaliação do significado da vida de uma pessoa implica o uso cultural de símbolos (transmitidos pela linguagem) no tocante a fins, valores etc. Significado é, portanto, mais ligado à identidade cultural do que à felicidade.

Estamos aqui assumindo conexão direta entre felicidade e bem-estar, como se fossem sinônimos. No artigo citado, Roy F. Baumeister e seus colegas pesquisadores afirmam que felicidade é geralmente definida como bem-estar subjetivo, ou seja, um estado que contém um tom afetivo globalmente positivo.

#### EDITAL DA FAPESP

As tentativas de medir bem-estar e satisfação fazem parte de uma tendência mundial, segundo informam Ana Azambuja e Patrícia Tobo, respectivamente gerente de ciências clássicas e de bem-estar da Natura. Em parceria com a Fapesp, a empresa está criando um Centro de Pesquisa Aplicada em Bem-Estar e Comportamento Humano, com chamada pública de projetos aberta até 14 de março no site da Fapesp ([mais em fapesp.br/8309](http://maisemfapesp.br/8309)) e em Entrevista à pág. 12).

De acordo com elas, o interesse da iniciativa recai sobre os padrões de comportamento individual e coletivo da população brasileira. Resumindo, a ideia é saber o que está por trás do bem-estar do brasileiro, gerar indicadores e dados sobre o tema. A abordagem escolhida foi a da → **interdisciplinaridade**, pois se entendeu que um ramo apenas do conhecimento não daria conta do recado.

Algumas perguntas lançadas pelo edital são, no mínimo, instigantes, entre elas: é possível identificar as bases biológicas de padrões comportamentais positivos do brasileiro, a fim de gerar marcadores científicos do bem-estar? Como o entendimento do cérebro pode auxiliar na promoção de emoções e comportamentos mais positivos? É possível construir memórias mais positivas de longo prazo? É possível identificar e promover as qualidades positivas do indivíduo? Qual o papel da cultura e de hábitos na mediação neurológica de percepção, atenção e memória do brasileiro?

A lacuna parece ser a seguinte: medimos os transtornos e as doenças, quantificamos e tratamos, mas, quando medimos o bem-estar e a felicidade, nos restringimos a um conjunto de indicadores que dão conta, quase que estritamente, da relação do indivíduo com seu meio estrutural.

Entender o porquê de reações positivas diante de uma adversidade ou de uma situação de vulnerabilidade parece ser a chave da

abordagem com base na Psicologia Positiva. O psicólogo Martin Seligman propõe uma visão mais positiva sobre o ser humano, mesmo que a pessoa esteja em situação de risco. Propõe uma abordagem que priorize as habilidades do sujeito, e não suas debilidades.

A professora Sílvia Koller, psicóloga e pesquisadora do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua (CEP-RUA), do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vale-se da abordagem da Psicologia Positiva em seu dia a dia com as crianças. Segundo ela, algumas crianças com as quais trabalhou se diziam felizes, mesmo nas condições mais adversas.

“Fomos trabalhar com crianças de rua e esperávamos um quadro mais sombrio. Encontramos crianças criativas e que pareciam felizes do jeito delas, crianças saudáveis e inteligentes, com uma incrível capacidade de superação. Foi quando nos interessamos pelo conceito de resiliência”, recorda.

Emprestado da Física, o conceito de resiliência relaciona-se à capacidade do sujeito de lidar com problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas.

Sílvia salienta que os instrumentos de mensuração da Psicologia Positiva são contextuais e dinâmicos. “Não dá para estipular que uma pessoa vá ser feliz a vida toda, nem em todos os quesitos de sua existência.”

#### APLICAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS

A esta altura, a pergunta natural então seria: é viável mensurar a felicidade e o bem-estar? E, se for viável, quais as chances de esses dados darem origem a políticas públicas que promovam o bem-estar geral?

“Medimos depressão, ansiedade e transtornos e criamos políticas públicas para lidar com eles. Por que não poderíamos medir bem-estar? Temos de mensurar bem-estar, mensurar as habilidades das pessoas para criar melhores espaços de lazer, praças, museus e atividades recreativas”, acredita Sílvia.

Sabemos que é possível criar políticas pú-

blicas sobre indicadores gerados com rigor, tanto os “positivos” quanto os “negativos”. Entretanto, existe um *gap* imenso entre a produção de dados e a tomada de iniciativa política para transformar essas informações em motores de bem-estar para a população – sejam eles representados por aparelhos culturais, sejam por postos de saúde, por parques.

Dados do → **Observatório Cidadão**, medidos pela Rede Nossa São Paulo, dão uma ideia do déficit de aparelhos culturais na cidade de São Paulo, que é a maior e, teoricamente, a mais bem aparelhada das capitais brasileiras. Segundo a pesquisa, dos 96 distritos em que está dividida a capital paulista, 59 não possuem sala de cinema, 60 deles não têm museu nem centro cultural, 52 não contam com teatros. O Grajaú, por exemplo, tem apenas 0,03 livro por habitante em bibliotecas públicas, quando a média estipulada pela Unesco é de 2 livros *per capita*. Há

45 distritos onde a média é zero. Por fim, vale ressaltar que há outras variáveis nessa equação. Não adianta apenas que os aparelhos culturais ou outros estejam lá: é preciso que a população os ocupe. Os CEUs são bons exemplos desse descompasso. Embora os teatros sejam bem equipados, raramente há contato estreito dos programadores com a comunidade do entorno. Com isso, músicos de primeira linha tocam para cinco ou seis pessoas (isso em fins de semana), em salas com capacidade para 120 a 400 pessoas.

Buscar o bem-estar e a felicidade exige de todos nós uma certa disposição, e depende de decisões e posicionamentos que a vida nos leva a tomar. No que tange ao poder público, depende também, é claro, de promover acesso a educação, a saúde etc. Mas isso só se conquista com participação política e ativa do cidadão, que chame as instituições públicas a cumprir seus papéis. Porque, a exemplo do que mostraram as ruas e as duas pesquisas aqui citadas, que colocaram o que proporcionam as ações de políticos e suas instituições na lanterna dos indicadores de bem-estar, a corrupção também afeta, e muito, a felicidade do brasileiro. **zz**

Conjunto de indicadores sociais, ambientais, econômicos, políticos e culturais sobre a cidade de São Paulo e cada uma de suas 31 subprefeituras e 96 distritos

Processo de integração recíproca entre vários campos do conhecimento que pode ser caracterizado pela associação de disciplinas por conta de um projeto ou objeto comum

Buscar "significado na vida" refere-se mais à identidade cultural do que à felicidade



DIVULGAÇÃO

## Hora de apertar **a gravata**

**Muitas são as gravatas** que terão seus nós feitos em todas as manhãs de 2014. Mas algumas se destacam por não estarem em nenhum colarinho, mas, sim, colorindo a cidade. Fazem parte da obra *Enlaces*, de Anita Colli, que ficou exposta até fevereiro na estação Trianon-Masp do Metrô de São Paulo. São 249 peças, todas já usadas e doadas para a instalação. Segundo a artista plástica e ex-professora de medicina, essas gravatas ganharam um novo contexto, em que o significado original já não tem importância. “Se comunicam e se dispersam como as pessoas que passam pelas estações”, diz.

Depois da exposição no Metrô, as gravatas devem ganhar nova forma em uma futura instalação, ainda não definida. Serão reinventadas, como nossas vidas, que se refazem a cada réveillon, a cada mudança e a cada esquina que cruzamos pelas ruas de nossos anos. – **por Thaís Herrero**

## BRF. UMA DAS 100 EMPRESAS MAIS SUSTENTÁVEIS DO MUNDO.

A Corporate Knights analisou as maiores empresas listadas nas bolsas de valores e classificou a BRF como uma das 100 empresas mais sustentáveis do mundo, que fazem parte do Ranking Global 100 em 2014, considerado o maior e mais relevante banco de informações sobre sustentabilidade global para investidores e tomadores de decisão.

Para a BRF, sustentabilidade é muito mais do que uma palavra. É a prova de que é possível aliar desenvolvimento econômico, conservação ambiental e equidade social em uma cadeia longa e complexa, com 150 mil pontos de venda, 115 mil colaboradores, 20 mil parceiros agrícolas e 70 plantas espalhadas no País e no exterior. Uma soma de fatores que faz a empresa ter uma gestão mundialmente reconhecida pelos principais índices de sustentabilidade.



A VOTORANTIM  
E O GOVERNO  
DO ESTADO  
ACABAM DE  
TRANSFORMAR  
BOAS INTENÇÕES  
EM REALIDADE

*Há um ano, a Votorantim e o Governo do Estado de São Paulo assinaram um protocolo de intenções para transformar em Reserva Privada uma área que a empresa possui e preserva há mais de 50 anos. São 31 mil hectares de florestas nativas ao sul do Estado de São Paulo, elo fundamental do principal corredor de remanescentes de Mata Atlântica. Esse sonho virou realidade, graças ao documento assinado pela Votorantim e o Governo do Estado para, a partir de agora, operacionalizar a Reserva. A propriedade continua sendo da Votorantim, mas a gestão será compartilhada com o Governo do Estado e a sociedade. É o projeto Legado das Águas. Todos saem ganhando: a Votorantim, que continuará garantindo a conservação da água, matéria-prima para o seu*



LEGADO  
DAS ÁGUAS  
RESERVA VOTORANTIM

*desenvolvimento industrial; o meio ambiente e o homem, porque o Legado das Águas ultrapassa seus limites geográficos e produz*

*conhecimento científico e desenvolvimento sustentável pelo manejo responsável da biodiversidade, que serão aplicados não só na Reserva, mas em outras Unidades de Conservação da Mata Atlântica. O objetivo é aprender com a cultura tradicional local, trazer novos conhecimentos, capacitar comunidades, gerar empregos e renda para quem vive na região. A Conservação Internacional, organização não governamental reconhecida internacionalmente, será responsável pela coordenação geral do projeto, que se inicia com o Plano de Manejo Sustentável da Reserva. Os benefícios serão para todos, Governo, iniciativa privada, comunidades e lideranças locais, universidades e mundo científico, organizações do terceiro setor. Todos que legitimamente se preocupam com a qualidade de vida do ser humano e da natureza.*

